



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO CENTRO DE ARTES HUMANIDADES E
LETRAS (CAHL)
MESTRADO PROFISSIONAL EM HISTÓRIA DA ÁFRICA, DA DIÁSPORA E DOS
POVOS INDÍGENAS.**

DELMACI RIBEIRO DE JESUS

**CLUBE DE HISTÓRIA: ESTUDO E PESQUISA DA HISTÓRIA E CULTURA AFRO-
BRASILEIRA POR ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO BÁSICA.**

CACHOEIRA-BA

2018

DELMACI RIBEIRO DE JESUS

CLUBE DE HISTÓRIA: ESTUDO E PESQUISA DA HISTÓRIA E CULTURA AFRO-
BRASILEIRA POR ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO BÁSICA.

Relatório apresentado como requisito para obtenção do título de Mestre, no Programa de Pós- graduação em História da África da Diáspora e dos povos Indígenas, na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia- UFRB-, *Campus* Cachoeira.

Orientador Prof. Dr. Emanuel Luís Roque Soares

CACHOEIRA-BA

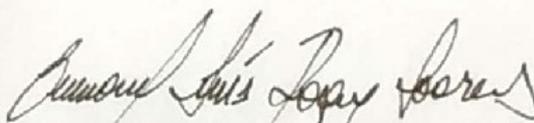
2018

DELMACI RIBEIRO DE JESUS

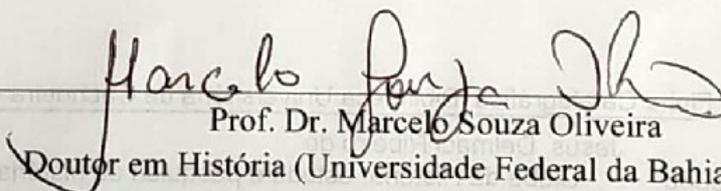
CLUBE DE HISTÓRIA: ESTUDO E PESQUISA DA HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA POR ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO BÁSICA.

Aprovado em: 18 de setembro de 2018

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Emanuel Luís Roque Soares (Orientador)
Doutor em Educação (Universidade Federal do Ceará/UFCE)



Prof. Dr. Marcelo Souza Oliveira
Doutor em História (Universidade Federal da Bahia- UFBA)

Prof.^a Dr.^a Tânia Maria Hetkowski
Pós-Doutora em Informática na Educação (Universidade Federal do Rio Grande do Sul/
(UFRGS), Doutora em Educação (Universidade Federal da Bahia/UFBA)

Prof. Dr. Antônio Liberac Cardoso Simões Pires
Doutor em História (Universidade Estadual de Campinas- UNICAMP)

Cachoeira-Ba
2018

Ficha Catalográfica: Biblioteca Universitária de Cachoeira - CAHL/UFRB

J58c Jesus, Delmaci Ribeiro de
Clube de História: estudo e pesquisa da história e cultura afro-brasileira por estudantes da educação básica / Delmaci Ribeiro de Jesus. – Cachoeira, 2018.
96 f. : il. ; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Emanuel Luís Roque Soares.
Dissertação (mestrado profissional) - Programa de Pós-Graduação em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, 2018.

1. História. Ensino. 3. Cultura afro-brasileira. 4. Educação básica. 5. Identidade. 6. Catu (BA). I. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Centro de Artes, Humanidades e Letras. Programa de Pós-Graduação em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas. II. Título. III. Título: Estudo e pesquisa da história e cultura afro-brasileira por estudantes da educação básica.

CDD: 981.03

Elaboração: Fábio Andrade Gomes - CRB-5/1513

AGRADECIMENTOS

Foram dias de aprendizagens e renúncias!

Quero aqui agradecer a Deus por ter me proporcionado o dom a vida e me mantido de pé em meio às dificuldades. Desde a acirrada disputa por uma vaga no Colégio Técnico da Fundação José Carvalho, até os dias de hoje, sinto-me contemplado, pois o “Senhor é meu pastor e nada me faltará”.

Meu pai, Delvaci, fecho os olhos e lembro-me de cada um dos seus ensinamentos, da sua convicção ao falar para seus amigos: “Meu filho vai ser doutor”, pode ter certeza que estou buscando com muita determinação ser um pouco do que o senhor foi e é para mim. Da mesma forma sou grato por ter uma mãe guerreira, que enfrenta diferentes obstáculos para ver o sucesso dos seus filhos, dona Anete Ribeiro, sempre está presente, lutando comigo as difíceis batalhas da vida. Lembro-me que ainda na Educação Básica, a senhora sempre fez questão de cobrar empenho e verificar minhas tarefas, mesmo sem ter um domínio dos conteúdos, me fez aprender a ser responsável comprometido e ter exatamente a noção da importância que os estudos iriam representar na minha vida.

Minha irmã, Andreia Ribeiro, minha sobrinha Giuliana, tia Alice Ribeiro e meu avô, seu João. Vocês, mesmo que de forma indireta, me motivam a continuar caminhando, cada um de sua maneira, trazem em suas vidas exemplo de superação que me inspiram em meio aos diferentes obstáculos.

Minha esposa Haila e minhas filhas Isis, *in memoriam*, e Lara. Vocês são as minhas fontes de energia, Isis me ensinou a ter coragem para enfrentar os desafios da vida e saber que a vitória nem sempre irá prevalecer, mas é importante lutar e valorizar a vida a cada instante. Minha pequena Lara, muitas vezes estou cansado, com leitura para fazer, texto para escrever, mas estando ao seu lado, contemplando seu sorriso, sempre renovo a minha vontade de querer fazer sempre o melhor, pois não estou caminhando sozinho, tenho uma filha para quem, eu quero ser sempre um motivo de orgulho e inspiração. Minha esposa, obrigado pela compreensão, companheirismo e por me entender quando, nem mesmo eu conseguia perceber, qual o melhor caminho a seguir.

Meus professores (as), a vocês a minha eterna gratidão, não me tornei professor por acaso, cada um de vocês são responsáveis pela escolha da tão nobre profissão. Quero agradecer especialmente a um professor que esteve presente na minha caminhada acadêmica, desde o dia

em que realizei o vestibular da Universidade do Estado da Bahia- UNEB. O ano era 2002, até então eu era um adolescente, saindo do Ensino Médio e ele, Marcelo Oliveira, um estudante da Licenciatura em História da UNEB.

Marcelo, ainda no dia do vestibular me disse: “Você irá passar!”. De fato, fui aprovado. No primeiro semestre você me proporcionou a oportunidade de lecionar. Anos mais tarde, fui seu aluno na Pós-Graduação, nível lato sensu, em Educação Científica e Popularização das Ciências, do IF Baiano, *Campus Catu*. Desde 2002, já se passaram 16 anos e agradeço por ter acreditado em mim e por ser um cidadão, professor, amigo no qual eu me inspiro. Sua determinação é contagiante!

Meus alunos, vocês devem ser sempre os protagonistas. Em 15 anos de magistério fiz verdadeiros amigos em sala de aula. Meu agradecimento especial para todos os estudantes que acreditaram na proposta do Clube de História, sem vocês nada teria acontecido. Foram dias de aprendizagem, comprometimento e também de muita diversão. Viajamos, brincamos e aprendemos uns com os outros, agradeço também aos pais dos estudantes que confiaram à guarda dos seus filhos, para que pudéssemos, em muitos momentos, viajar e compartilhar conhecimentos em outras cidades.

A meu orientador Emanuel Luís Roque Soares e a instituição Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, agradeço por fazerem parte dessa importante etapa da minha vida.

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-
fazeres se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino
continuo buscando, repercurando. Ensino porque busco, porque
indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar,
constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso
para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a
novidade.

(Paulo Freire, 1997)

RESUMO

JESUS, Delmaci Ribeiro. Clube de História: estudo e pesquisa da história e cultura afro-brasileira por estudantes da educação básica. 2018. 87 f. Relatório – Programa de Pós-Graduação Mestrado profissional em História da África, da diáspora e dos povos indígenas da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), Centro de Artes Humanidades e Letras (CAHL). Cachoeira/BA, 2018.

“O Clube de História: estudo e pesquisa da história e cultura afro-brasileira por estudantes da educação básica” é um projeto de intervenção que foi desenvolvido no Colégio Estadual Maria Isabel de Melo Góes na cidade de Catu, através da formação de um grupo de estudos com o objetivo de investigar e popularizar os elementos que compõem a história e a cultura negra na cidade de Catu e regiões circunvizinhas. Constituído por estudantes do ensino médio, o grupo de pesquisa surgiu, a partir de um problema que é a falta de políticas públicas e/ou projetos escolares que se atentem para a conservação de memórias sobre a cultura afro-brasileira. De que forma os estudantes negro-afrodescendentes, pertencentes à escola pública da cidade de Catu se percebem, enquanto atores de transformação da realidade na qual estão inseridos? A partir desse questionamento, o Clube de História surgiu como uma abordagem didática, propondo o ensino por investigação, relacionada ao ensino da História que se evidencia por ter estudantes pesquisadores ainda na educação básica. A partir de uma entrevista inicial, os estudantes são convidados a participarem de reuniões quinzenais, onde ocorre a reflexão sobre a cultura afro-brasileira, tendo como referência a discussão sobre identidade, educação científica e cultura. Tendo como ponto de partida a observação e identificação de problemas do local no qual os alunos estão inseridos. No Clube de História o estudante é o protagonista. Desse modo, é possível ter uma aprendizagem significativa, uma vez que os conhecimentos prévios dos estudantes são valorizados e constituem o processo de construção do conhecimento. Ou seja, o Clube convida aos estudantes para questionarem a realidade na qual estão inseridos e através da pesquisa propor a [re]construção de conhecimentos de valorização das comunidades afrodescendentes que constituem o município de Catu e as regiões circunvizinhas. O Clube vem produzindo projetos de pesquisa exitosos, que são apresentados e premiados em Feiras de Iniciação Científica Júnior, corroborando com a qualificação do processo de ensino e aprendizagem da História da cultura afro-brasileira, tendo como referencial os parâmetros curriculares nacionais e as Leis 10.639/03 e 11.645/08.

Palavras-chave: Educação. Cultura afro-brasileira. Identidade.

ABSTRACT

JESUS, Delmaci Ribeiro. History Club: study and research of Afro-Brazilian history and culture by students of basic education. 2018. 87. Report - Postgraduate Program Professional Master's in History of Africa, Diaspora and Indigenous Peoples of the Federal University of Recôncavo da Bahia (UFRB), Arts and Humanities Arts Center (CAHL). Cachoeira / BA, 2018.

"The History Club: study and research of Afro-Brazilian history and culture by students of basic education" is an intervention project that was developed at the Maria Isabel de Melo Góes State College in the city of Catu, through the formation of a group of studies with the objective of investigating and popularizing the elements that compose the history and the black culture in the city of Catu and surrounding regions. Consisting of high school students, the research group emerged from a problem that is the lack of public policies and / or school projects that focus on the conservation of memories about Afro-Brazilian culture. In what way do the black / afro descendant students belonging to the public school of the city of Catu perceive themselves as actors of transformation of the reality in which they are inserted? From this problem, the History Club emerged as a didactic approach, proposing teaching by research, related to the teaching of History that is evidenced by having students still in basic education. From an initial interview, the students are invited to participate in fortnightly meetings, where reflection on Afro-Brazilian culture takes place, having as reference the discussion about identity, scientific education and culture. Taking as a starting point the observation and identification of problems of the place in which the students are inserted, in the History Club the student is the protagonist. In this way it is possible to have a meaningful learning, since the previous knowledge of the students is valued and constitute the process of knowledge construction. That is, the Club invites the students to question the reality in which they are inserted and through the research propose the [re] construction of knowledge of valorization of Afro-descendant communities that constitute the municipality of Catu and the surrounding regions, the Club has been producing projects of which are presented and awarded at the Junior Scientific Initiation Fairs, corroborating the qualification of the teaching and learning process of the History of Afro-Brazilian culture, having as legal reference the national curricular parameters and Laws 10.639 / 03 and 11.645 / 08.

Keywords: Education. Afro-Brazilian culture. Identity.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
1.1 JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS.....	13
2 FUNDAMENTAÇÃO	17
2.1 A EDUCAÇÃO CIENTÍFICA E O CLUBE DE HISTÓRIA	25
2.2 ENSINO DE HISTÓRIA E O PROCESSO INVESTIGATIVO NO AMBIENTE ESCOLAR	26
2.3 ENSINO-APRENDIZAGEM DE HISTÓRIA DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA, A PARTIR DA PESQUISA DE ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO BÁSICA	29
3 METODOLOGIA.....	35
3.1 METODOLOGIA DO CLUBE.....	35
3.2 METODOLOGIA UTILIZADA PARA ANÁLISE NO RELATÓRIO	42
4 ANÁLISE DE DADOS	45
4.1 ANÁLISE DOS DIÁRIOS DE BORDO.....	46
4.2 ANÁLISE DOS PROJETOS: RELATÓRIO E PÔSTERES	58
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	61
REFERÊNCIAS.....	66
APÊNDICE A - Estatuto.....	71
APÊNDICE B - Plano de Pesquisa.....	76
ANEXO A – Pôster apresentado na feira de ciências das escolas estaduais de Catu 2016	80
ANEXO B – Pôster apresentado na Feira de Ciências Empreendedorismo e Inovação da Bahia 2017.....	84
ANEXO C – Pôster apresentado na Feira de Ciências Empreendedorismo e Inovação da Bahia 2018.....	86

1 INTRODUÇÃO

[...] a identidade é uma realidade sempre presente em todas as sociedades humanas. Qualquer grupo humano, através do seu sistema axiológico sempre selecionou alguns aspectos pertinentes de sua cultura para definir-se em contraposição ao alheio. A definição de si (auto definição) e a definição dos outros (identidade atribuída) têm funções conhecidas: a defesa da unidade do grupo, a proteção do território contra inimigos externos, as manipulações ideológicas por interesses econômicos, políticos, psicológicos, etc. (MUNANGA, 1994, p.177).

Nas próximas linhas irei relatar as etapas que constituíram o projeto de intervenção: *O Clube de História: estudo e pesquisa da história e cultura afro-brasileira por estudantes da educação básica*, desde a observação do lócus de estudo (a escola pública e seus atores principais, os estudantes), até o surgimento dos resultados. Inicio a escrita convidando o leitor para uma reflexão sobre o termo *Identidade*, cujo conceito, de acordo com Nilma Lino Gomes (2005), pode ser entendido como um conjunto de aspectos individuais, que caracterizam uma pessoa, mas também um aspecto plural, constituído a partir das relações sociais que são permanentemente mutáveis.

A identidade não é algo inato. Ela se refere a um modo de ser no mundo e com os outros. É um fator importante na criação das redes de relações e de referências culturais dos grupos sociais. Indica traços culturais que se expressam através de práticas linguísticas, festivas, rituais, comportamentos alimentares, tradições populares e referências civilizatórias que marcam a condição humana. (GOMES, 2005, p. 41).

No presente relatório, farei uma análise das identidades que constituem os estudantes de uma escola pública na cidade de Catu, no estado da Bahia. Alunos que se aproximam quando a temática é a baixa autoestima e ficam cada vez mais afastados das propostas pedagógicas da escola, da identidade cultural, do sentimento de pertença, da coletividade e de assuntos relevantes que possibilitam entender a educação, como mecanismo de transformação e politização social.

O cenário descrito revela uma escola pública, na qual miramos várias outras. São alunos do século XXI que não se identificam com as metodologias que são propostas, pois as escolas se encontram engessadas em suas *grades curriculares*, cada vez mais distantes de uma identidade na qual o estudante possa se perceber. Diante do problema, surge a ideia de uma intervenção, criar um Grupo de Pesquisa para provocar estudantes e professores, estimular a construção de conhecimentos, a partir da realidade vivenciada por indivíduos que constituem a comunidade escolar do Colégio Estadual Maria Isabel de Melo Góes/Catu/Ba.

O Clube, que será aqui analisado, foi uma abordagem didática relacionada ao ensino da História, especificamente à cultura afro-brasileira. Aproximar a pesquisa e os discentes, que cursam a Educação Básica, proporcionou a formação de estudantes que também são pesquisadores, uma vez que desenvolvem pesquisas a partir dos problemas vivenciados em suas comunidades, instigando a autonomia e busca por observação, reflexão e/ou resolução de problemas sociais.

O Clube contribuiu para desconstruir a prática do estudo de História que se resume à transmissão de informações do livro didático, uma vez que, mesmo sendo realizado dentro do espaço escolar, este projeto de intervenção caracterizou-se como uma prática educativa desvinculada da educação formal¹ pautada, entre outras práticas, na aprovação e/ou reprovação. Esse projeto de intervenção aqui descrito, criou um espaço destinado à criatividade e à criticidade do estudante, uma vez que foca na construção de conhecimento do discente, em uma proposta de educação não formal.

A educação não formal se aproxima da proposta de uma educação que liberta (FREIRE, 2011) na qual o indivíduo passa a se construir, se desenvolver, descobrir-se e conquistar-se reflexivamente como sujeito de sua própria destinação histórica. Do mesmo modo, pode ser entendida como uma, entre outras tantas, possibilidades de mudança, na estratégia das relações de ensino e aprendizagem, viabilizando uma nova percepção e redefinição dos papéis envolvidos na mediação do conhecimento na medida em que:

[...] passamos de uma estratégia direta, iniciada a partir dos conteúdos e que privilegia o emissor, a uma estratégia de inspiração indireta baseada na relação e que privilegia o receptor; em outras palavras, passamos de uma lógica de difusão a uma lógica de comunicação na qual a eficácia se valora com base na recepção (FAYARD, 1999, p.10).

Na “experimentação” de novas práticas pedagógicas que contemplem os anseios dos estudantes, em uma sociedade cada vez mais dinâmica, o Clube de História favorece a construção do conhecimento científico nas ciências humanas e proporciona a popularização da

¹ De acordo Gadotti (2005), a educação formal tem objetivos claros e precisos e que geralmente se dão nos espaços escolares e nas universidades. Ela depende de: uma diretriz educacional centralizada como o currículo, com estruturas hierárquicas e burocráticas, determinadas em nível nacional, com órgãos fiscalizadores dos ministérios da educação.

ciência², através de metodologias de ensino e aprendizagem que possibilitam a inserção dos estudantes como construtores de novos saberes. Nesse contexto o Clube de História partiu da premissa de que a Educação Científica precisa ser entendida enquanto uma:

[...] proposta de educação que trabalha com a ciência como uma tecnologia que se apresenta em forma de uma linguagem inerente à condição humana. Sendo assim, atividades como a Orientação Educacional por meio da Pesquisa, por exemplo, não deve se limitar a ensinar o Estudante a pesquisar sob os moldes do que os cientistas consideram ser uma pesquisa científica, trata-se de orientar para que a Pesquisa Científica faça parte da formação do Estudante, incluindo a formação ética e moral, cidadã, social e humana, não somente de como resolver problemas, mas como percebê-los de uma maneira outra e ter condições de discuti-los. Por isso trata-se de uma “Educação” Científica, e não Ensino de Pesquisa ou somente Ensinar pela Pesquisa. (SANTOS, 2017, p. 124).

A afirmação do autor se aproxima da proposta do Clube de História, uma vez que a pesquisa, não se apresenta como elemento único e, portanto, determinante do processo educativo. A proposição é incentivar os estudantes a perceberem os problemas relacionados à desvalorização e/ou ocultação da cultura e identidade afro-brasileira e, a partir desse viés, consolidar a formação contínua da cidadania que potencialize a afirmação do indivíduo, como agente de transformação social.

1.1 JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS

A partir do exposto na apresentação do tema, o Clube de História teve como ponto de partida alguns questionamentos: De que forma os estudantes negro-afrodescendentes, pertencentes à escola Maria Isabel, na cidade de Catu, se percebem como atores de transformação da realidade na qual estão inseridos? Como a disciplina de História pode despertar os estudantes para que exerçam a cidadania de forma ativa? Na minha prática docente, ficou cada vez mais nítida a ideia de que o Ensino de História, realizado nos moldes tradicionais, no ambiente da escola e baseado como principal recurso, o livro didático do estudante, não estava alcançando os objetivos de refletir e propor uma discussão mais intensa, especificamente, sobre a cultura afro-brasileira, objeto de estudo do presente relato, uma vez

² Tendo como referência Marcelo Gomes Germano (2007), os termos popularização da ciência, vulgarização da ciência, divulgação científica e alfabetização científica, são usados muitas vezes utilizados indevidamente como sinônimos de uma mesma prática. Especificamente no que diz respeito à popularização das ciências, em algumas situações é feita uma ideia errônea de que o termo popularização se refere ao que é comum, sem valor. Contudo no presente relatório, a partir da ideia de comunicação reflexiva e diálogo, o conceito de popularização da ciência está vinculado ao universo das ações culturais libertadoras.

que a motivação primeira, em algumas situações a única, não era [re]conhecer para transformar e sim limitar-se a uma nota, decorar conteúdos para seguir o percurso escolar.

Poderíamos afirmar que a história, quando ensinada, serve para os homens possam pensar historicamente, adicionando à sua reflexão os elementos que não estão presentes no imediato, mas sim no tempo longo, médio e curto. A história ensinada serve para ajudar a criar identidades, mas serve principalmente para que as pessoas reconheçam-se como sujeitos, como parte também de um coletivo, conheçam suas possibilidades e limitações de ação na história. Desta forma, serve também para questionar identidades inventadas. (CERRI, 1999, p. 142).

A dificuldade para os estudantes se reconhecerem como sujeitos de um processo histórico, no qual há a necessidade de interagir com o passado, para identificar problemas, propor reflexões e dialogar coletivamente na busca por soluções do tempo presente. Esta hipótese encontra-se no distanciamento entre os estudantes e os sujeitos estudados, por eles, nos livros didáticos. Diante desse contexto existe a necessidade de se propor ao Ensino de História uma atitude investigativa que possibilite:

Ligar a teoria à prática, isto é, não apresentar apenas propostas prescritivas não testadas em estudos empíricos, mas sim criar, implementar e analisar situações de aprendizagem reais, em contextos concretos, e disseminar resultados que possam ser ajustados a outros ambientes educativos. Esta linha de pesquisa e ação, aspira ao desenvolvimento sustentado da literacia³ histórica de crianças e jovens dado que a aprendizagem se for explorada de forma desafiante, criativa e válida, apresenta fortes potencialidades como contributo para o desenvolvimento de competências cognitivas essenciais para a vida numa Sociedade da Informação e de Desenvolvimento. Para que tal propósito se cumpra torna-se imprescindível conhecer o mundo conceptual dos agentes educativos – sobretudo o do aluno, que constitui o alvo principal do labor educativo, porque só se pode mudar conscientemente aquilo que se conhece. (BARCA, 2012, p. 36).

Na tentativa de buscar caminhos para uma proposta de Ensino de História que possibilite ao discente investigar problemas que estão inseridos em sua comunidade, para além do ambiente escolar, o Clube de História, se apresentou como um processo dialógico de resgate, reconhecimento e valorização de uma identidade negra capaz de aceitar a si mesma, em uma sociedade brasileira que historicamente exclui negros?, através da precarização da escola pública, como afirma o antropólogo Kabengele Munanga, durante uma entrevista:

³ A ideia de literacia histórica é apresentada por Isabel Barca (2012), enquanto conjunto de competências de interpretação e compreensão do passado, uma necessidade de orientação temporal que exige identificações múltiplas, a várias escalas (do local ao global), e a consideração de pontos de vista diversificados, apresentados quer por historiadores quer por outras fontes para a História.

O racismo no Brasil mantém os negros em péssimas condições socioeconômicas e dificulta seu acesso à educação de boa qualidade e ao mercado de trabalho, entre outros prejuízos. A consequência disso é que as crianças, já maltratadas pelo baixo poder aquisitivo dos pais, também sofrem ao entrar no ensino público. O sistema foi construído com base na realidade da minoria abastecida, ou seja, da classe média brasileira. Assim, além de serem excluídas das escolas particulares, não recebem, nas unidades públicas, tratamento adequado ao seu desenvolvimento intelectual e emocional. (MUNANGA, 2000).

A partir da legitimação do trabalho escravo, no Brasil, desencadearam-se os mais diversos preconceitos e discriminações camuflados no mito da democracia racial.⁴ Ainda em pleno Século XXI, insistem em negligenciar as vozes que ecoam em guetos, vielas, periferias, escolas públicas e nos diferentes espaços de resistência.

Diante das mazelas, citadas no parágrafo anterior, decorrentes de um contínuo processo de silenciamento da cultura afro-brasileira, instiga-se quais são os ambientes e as estratégias metodológicas mais adequadas para se promover, pensar ou discutir ao que se refere ao exercício constante de [re]construção dessa identidade negra? Os educadores e/ou professores, em diferentes momentos de suas vidas profissionais, se debruçam sobre esses questionamentos e buscam uma resposta que se adeque às múltiplas realidades vivenciadas nas tradicionais salas de aula, espaços que, cada vez mais são rotulados como ambientes onde os estudantes não “querem aprender nada”.

O Clube de História discutiu o processo de ensino e aprendizagem com o objetivo de propor aos discentes da Escola Estadual Maria Isabel de Melo Góes, a formação de um grupo de estudos, para viabilizar a investigação e a valorização dos elementos que compõem a história e a cultura afro-brasileira, em um recorte espacial que envolve a cidade de Catu e as regiões circunvizinhas. Situada atualmente no território de identidade, litoral norte: agreste baiano; no século XIX, a cidade de Catu constituía o recôncavo baiano, “[...] complexo econômico e social que marcou a economia baiana no século XIX” (OLIVEIRA, 2015) e teve nesse período, uma presença marcante da mão de obra escrava africana em suas extensas lavouras de cana-de-açúcar.

A herança cultural está presente, mas permanece subalterna e silenciada. Estimular a aprendizagem significativa debater a história, a partir do lugar vivenciado por estudantes e suas

⁴ Tendo como referencial teórico o professor Kabengele Munanga (2000), o mito da democracia racial apresenta no cenário da sociedade brasileira a sua melhor definição, uma vez que o brasileiro reconhece que de fato existe o racismo, mas não se reconhece enquanto racista.

respectivas comunidades é um caminho que precisa ser percorrido, objetivando de criar conhecimentos históricos capazes de estimular a consciência coletiva necessária para a superação da dependência social e dominação política da cultura afro-brasileira em seus distintos lugares de representatividade.

A partir da divulgação da proposta de pesquisa no Colégio Estadual Maria Isabel de Melo Góes, os estudantes foram convidados a ler, discutir e apresentar propostas de investigação histórica da realidade na qual os mesmos estão inseridos, criar problemas e hipóteses que possibilitem uma melhor compreensão da realidade na qual estão inseridos.

O projeto de intervenção trouxe a proposição de incentivar estudos que potencializam o desenvolvimento de metodologias relacionadas ao ensino por investigação nas ciências humanas, em um processo de ensino e aprendizagem, que se revela cada vez mais dinâmico e com uma necessidade cada vez mais emergente de adaptação com o perfil de alunado do Século XXI. Além disso, o Clube de História se apresenta, como metodologia que pretende fomentar a construção do conhecimento histórico, usando como referência inicial a História Local⁵, estimulando os estudantes para que exercitem constantemente a prática de observar, identificar possíveis problemas, refletir e discutir causas e desdobramentos temporais e, através de artigos e projetos, finalmente apresentar os resultados dessa reflexão sobre o seu cotidiano, muitas vezes invisível, ignorado e silenciado nos diferentes espaços de poder.

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais de História, a História Local está indicada tanto como eixo para seleção de conteúdos, quanto método de ensino-aprendizagem:

Ao ingressarem na escola, as crianças passam a diversificar os seus convívios, ultrapassando as relações de âmbito familiar e interagindo, também, com outro grupo social – estudantes, educadores e outros profissionais, caracterizado pela diversidade, e, ao mesmo tempo, por relações entre iguais. A própria classe possui um histórico no qual o aluno terá participação ativa. Sendo um ambiente que abarca uma dada complexidade, os estudos históricos aprofundam, inicialmente, temas que dão conta de distinguir as relações sociais e econômicas submersa nessas relações escolares, ampliando-as para dimensões coletivas, que abarcam as relações estabelecidas na sua localidade. Os estudos da história local conduzem aos estudos dos diferentes modos de viver no presente e em outros tempos, que existem ou que existiram no mesmo espaço. (BRASIL, 2006).

⁵ A História local, segundo Goubert (1988), é aquela que diz respeito a uma ou poucas aldeias, a uma cidade pequena ou média (um grande porto ou uma capital estão além do âmbito local) ou a uma área geográfica que não seja maior do que a unidade provincial comum.

Desse modo ao propor um estudo da História local, os estudantes do Clube de História refletiram sobre fatos que ocorreram em uma dimensão nacional e mundial, mas que tem seus reflexos na sociedade catuense e que, muitas vezes, passam despercebidos de um debate mais significativo. A proposta da intervenção, aqui relatada, provocou estudantes e a comunidade escolar com a proposição de construir uma sociedade cada vez mais participativa e cidadã, na qual os valores e identidade da cultura afro-brasileira possam se fazer presentes. E do mesmo modo possibilita aos estudantes pesquisadores serem multiplicadores de ideias e ações que venham a fortalecer as diferentes manifestações e representatividades da cultura afro-brasileira.

A partir da definição do objeto de pesquisa o presente projeto de intervenção, que aqui será descrito, foi analisado usando como instrumento de pesquisa a observação.

A observação é uma técnica de coleta de dados para conseguir informações e utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se desejam estudar”. (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 190).

Ainda conforme Duarte (2002, p. 140) “[...] a definição do objeto de pesquisa assim como a opção metodológica constituem um processo tão importante para o pesquisador quanto ao texto que se elabora no final”. Segundo a autora, as conclusões de um estudo são possíveis devido aos instrumentos utilizados na coleta de dados e a interpretação dos resultados obtidos, sendo que a descrição desses procedimentos, além de apresentar uma formalidade, pode permitir aos outros pesquisadores percorrerem o mesmo caminho da pesquisa e confirmarem as afirmações apontadas no estudo inicial. No capítulo 3, voltarei a tratar sobre a metodologia realizada para a realização do projeto de intervenção, bem como detalhar a análise da observação que realizei durante as atividades no Clube de História.

A partir da caracterização do Clube de História, faz-se necessário apresentar e discutir os pressupostos teóricos que fundamentam a pesquisa desenvolvida no Clube. Nesse sentido, é importante entender como a cultura afro-brasileira vem sendo abordada no contexto escolar e de que modo a Educação e Alfabetização Científica, vinculadas à ideia de construção do conhecimento histórico, corroboram para a construção de identidade e pertencimento dos jovens pesquisadores que formam o Clube de História.

2 FUNDAMENTAÇÃO

O Clube de História pode ser entendido como um projeto de intervenção, metodologia e prática pedagógica e sua origem encontra na inquietação, no fazer pedagógico e se aproxima como referência da própria escola, que em sua forma concreta de ser, pode ser entendida como um objeto de análise e intervenção. O projeto-intervenção, Clube de História, deve ser compreendido e desenvolvido como ação conjunta, partilhada com o coletivo da escola.

A pesquisa, a investigação e a proposição de problemas não pode se limitar a um grupo de estudantes e professores, uma vez que precisa ser vivenciada e experimentada. A presente proposta fundamenta-se nos pressupostos da pesquisa-ação, ou seja, tem como base a ideia de uma relação dialética entre pesquisa e ação, na perspectiva de que a pesquisa deve ter como função a transformação da realidade. O fato de propor uma pesquisa que traz uma reflexão sobre o fazer pedagógico, da minha própria prática docente, produz novos conhecimentos e, ao assim fazê-lo, apropriam-se e re-significam a minha condição de professor, produzindo novos compromissos, de cunho crítico, com a realidade em que atuo. Nesse tipo de pesquisa, a prática é compreendida como práxis docente. O conceito de práxis, aqui colocado, aponta para a necessidade de haver a construção de conhecimentos socialmente significativos, como uma síntese entre as experiências e os conhecimentos produzidos nas condições sociais e culturais dos processos de vida e de trabalho dos educandos e os conhecimentos universais elaborados pelo conjunto da humanidade. De acordo com Gramsci:

Uma filosofia da práxis só pode apresentar-se, inicialmente, em uma atitude polêmica e crítica, como superação da maneira de pensar precedente e do pensamento concreto existente (ou mundo cultural existente). E, portanto antes de tudo, como crítica do 'senso comum' (e isto após basear-se sobre o senso comum para demonstrar que 'todos' são filósofos e que não se trata de introduzir ex-novo uma ciência na vida individual de 'todos', mas de inovar e tornar 'crítica' uma atividade já existente). (GRAMSCI, 1981, p. 18).

Desse modo, é através do processo de reflexão-ação-reflexão que o professor deixa de ser um mero objeto de investigação e se torna o próprio sujeito da investigação, não se limitando apenas a generalizações dos conteúdos abordados pelos alunos, mas tornando-se o agente de mudanças, capaz de com seu senso crítico adaptar o método conforme a situação da comunidade escolar. E somos nós, os educadores, os sujeitos principais dessa mudança, já que ao desenvolvermos uma atividade reflexiva sobre a nossa própria prática, estamos pesquisando o próprio trabalho, a fim de torná-lo melhor.

Um dos problemas que dificultam a postura de práxis docente é o modo com que muitos professores reproduzem suas práticas, repetindo ações, que há muito tempo são realizadas em sala e que contrariam um paradigma crítico, cuja finalidade é a utilização de métodos plurais e reflexivos como forma de compreender a realidade. É preciso que os docentes ultrapassem essas barreiras, mostrando motivação e se esforçando na busca de um diálogo pedagógico que priorize a criticidade e a reflexão.

A práxis docente, a essência de ser professor, propõe uma postura crítico-reflexivo, a respeito de suas próprias experiências, fazendo uma leitura de mundo que beneficie as propostas de atividades que tenham a prática como ponto de partida e de chegada. Tanto pesquisador como pesquisados estão diretamente envolvidas em uma perspectiva de mudança. De acordo com Thiollent (2005, p. 16):

Pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

Portanto, pode-se inferir o que qualifica uma pesquisa como sendo pesquisa-ação é a presença efetiva de uma ação por parte das pessoas ou grupos implicados no problema proposto como alvo de intervenção. Nesse tipo de pesquisa, os pesquisadores desempenham um papel ativo na resolução dos problemas identificados, no acompanhamento e na avaliação das ações desenvolvidas para sua realização. O Clube de História, como projeto de pesquisa e intervenção propõe debater problemas decorrentes de uma situação que se observa no cotidiano da escola, e diz respeito à inexistência de ações que reflitam sobre o estudo da História e da cultura afro-brasileira, a partir da identificação de problemas pelos próprios estudantes, seguida da elaboração de um plano de pesquisa que favorece a construção de saberes dos estudantes pesquisadores e diferentes grupos que constituem a comunidade escolar. Numa pretensão de ressignificar o conhecimento dos pesquisadores e o conhecimento, ou o ‘nível de consciência’ das pessoas e dos grupos que constituem a comunidade escolar

O projeto o Clube de História, como um projeto de intervenção e, conseqüentemente uma pesquisa-ação, permite descrevê-lo como uma possibilidade de abordagem didática e de propor um ensino por investigação, que seja capaz de potencializar a construção do conhecimento histórico e de identidades, que surgem em seus múltiplos espaços de convivência, sejam eles a comunidade a família e os ambientes educativos.

A discussão de aspectos teóricos que caracterizam a pesquisa como princípio educativo, a construção do conhecimento histórico e a construção de identidade é um dos objetivos desse projeto de intervenção que apresenta como “produto” um Grupo de pesquisa em História da Cultura Afro-brasileira, constituído por estudantes da Educação Básica que superam o papel de ouvintes e passam a se posicionar como pesquisadores, construtores de conhecimentos e capazes de identificar problemas e investigá-los, em uma relação de diálogo com a realidade na qual fazem parte. Essa é uma oportunidade de transformação, que ultrapassa os limites da escola e se materializa em uma educação libertadora. Como afirma Paulo Freire (2005) em relação à criação de uma pedagogia crítica-educativa: “Pedagogia que faça da opressão e de suas causas objeto de reflexão dos oprimidos, de que resultará o seu engajamento necessário na luta por sua libertação, em que está pedagogia se fará e refará”. (FREIRE, 2005, p. 34).

O tema de pesquisa história da cultura afro-brasileira traz para o ambiente escolar o debate que é legitimado pelas leis 10.639/03 (BRASIL, 2003) e 11.645/08 (BRASIL, 2008), mas que ainda não fazem parte em sua totalidade, das metodologias em exercício nas instituições de ensino no Brasil. A lei 10.639/2003, que instituiu o ensino de história e cultura da África e afro-brasileira, como conteúdo obrigatório na educação básica, é resultado de lutas e movimentos sociais que reivindicaram uma reparação histórica, para atenuar as mazelas que foram e continuam sendo praticadas contra a população negra que se estabeleceu no Brasil desde o período Colonial.

O cenário das escolas, antes e depois da Lei 10.639/2003, fica evidente que mesmo com a obrigatoriedade do ensino de História da África imposta, por lei, não foi capaz de tornar possível uma mudança de comportamento curricular que possibilite a inserção dos valores, da identidade, do reconhecimento da cultura afro-brasileira. No cotidiano das salas de aulas, a mera transposição didática continua e não favorece à construção do conhecimento em uma perspectiva crítica e dialógica. Nesse sentido é de suma importância se repensar a metodologia do ensino de História, sobretudo da História da Cultura afro-brasileira.

O ensino da História da África não é uma tarefa fácil, pois existe uma imagem eurocêntrica que foi criada e recriada historicamente sobre a inferioridade do continente africano. Desse modo, entre a lei e a efetivação de currículos escolares que venham a integrar o eixo das discussões sobre a África, existe um caminho a ser percorrido e, pensar metodologias que sinalizem uma preocupação com a formação do cidadão e o desenvolvimento de uma consciência histórica, são necessidades que estão para além do cumprimento sistemático com o que está disposto na Lei 10.639/2003.

Com o objetivo de ampliar as ações da Lei 10.639/2003 e torná-la mais efetiva, em março de 2008 foi publicada a Lei 11.645/08, que além da história da temática "História e Cultura Afro-Brasileira," apresenta como obrigatória o ensino de História indígena em todas as séries da Educação Básica.

Para além de conhecer as leis que instituem a obrigatoriedade do ensino de história da África no Brasil é preciso refletir porque foram criadas e qual o contexto em que ocorreu a proposição e aprovação dessas leis. Segundo Joseph Ki-zerbo (2010), não é possível viver sem memória ou com a memória de outrem, ao menos que fosse feita uma escolha pela inconsciência e alienação. Segundo o autor, "[...] esse retorno a si mesmo pode, aliás, revestir-se do valor de uma catarse libertadora, como acontece com o processo de submersão em si próprio efetivado pela psicanálise, que, ao revelar as bases dos entraves de nossa personalidade, desata de uma só vez os complexos que atrelam nossa consciência às raízes profundas do subconsciente". (KI-ZERBO, 2010, p. 33).

Nesse contexto é imprescindível propor um ensino por investigação que possibilite ao educando entender o seu objeto de estudo e, ao mesmo tempo, constituiu uma perspectiva de libertação e [re]construção. O ensino por investigação, tal como defende Carvalho (2013), apresenta a ideia de que o processo de ensino e aprendizagem se inicia, a partir de um problema. Sobre isso, a autora afirma que :

Propor um problema para que os alunos possam resolvê-lo, vai ser o divisor de águas entre o ensino expositivo feito pelo professor e o ensino em que proporciona condições para que o aluno possa raciocinar e construir o seu conhecimento. No ensino expositivo toda a linha de raciocínio está com o professor, o aluno só a segue e procura entendê-la, mas não é o agente do pensamento. (CARVALHO, 2013, p. 2).

A necessidade de propor um ensino por investigação é com o objetivo de trazer uma reflexão a partir de abordagens didáticas diferentes daquelas, comumente encontradas nos diferentes espaços educativos, dentre elas, o professor fazendo anotações no quadro, seguidas de explicações e os estudantes anotando e ouvindo-o dissertar sobre um determinado tópico de conteúdo. Uma expectativa que surge dessas ideias é a possibilidade de que o gosto pela aprendizagem e a construção do conhecimento histórico, seja nutrido entre os estudantes ao compreenderem que a História como ciência e em suas diferentes temporalidades e espaços, são construções humanas pautadas em crises, desafios e inquietações, podendo trazer inovações e mudanças para nossas vidas.

O ensino por investigação é apresentado por Sasseron (2015) como uma abordagem didática, uma vez que a ideia de metodologia de ensino é apropriada apenas a certos conteúdos

e temas e, o ensino por investigação pode ser vivenciado nas mais distintas aulas, sob diversas formas e para diferentes conteúdos. Nesse contexto o Clube de História caracteriza-se por possuir uma metodologia, cuja intenção é fazer com que a turma se engaje com as discussões, busque a resolução de um problema, exercite práticas e raciocínios de comparação, análise e reflexão.

O ensino por investigação configura-se como uma abordagem didática, podendo, portanto, estar vinculado a qualquer recurso de ensino desde que o processo de investigação seja colocado em prática e realizado pelos alunos a partir e por meio das orientações do professor. Como abordagem didática, o ensino por investigação demanda que o professor coloque em prática habilidades que ajudem os estudantes a resolver problemas a eles apresentados, devendo interagir com seus colegas, com os materiais à disposição, com os conhecimentos já sistematizados e existentes. (SASSERON, 2015, p. 58).

Nesse sentido, o ensino por investigação, apresentado na perspectiva de uma abordagem didática, caracteriza-se por ser uma atividade colocada em prática pelo professor. Porém as interações ocorridas entre professor, alunos, materiais e informações concretizam o processo de ensino por investigação. A atitude dos estudantes, diante da proposição de não apenas ser um observador, possibilita o desenvolvimento de liberdade e autonomia intelectual, despertando nos indivíduos o desejo de aprender. Uma aprendizagem e reflexão sobre conceitos, a partir da identificação de problemas que estão postos, mas muitas vezes passam despercebidos, visto que se vivencia em muitas escolas a cultura burocrática da mera exposição de ideias que afasta os estudantes do interesse pela aprendizagem.

Nessa perspectiva, não apenas os conhecimentos curriculares podem ser trabalhados. Desse modo o Clube de História, estimula também o debate sobre questões éticas. Ao promover condições para que os estudantes trabalhem ativamente e conjuntamente na resolução de um problema, novas perguntas são construídas e possibilitam o estabelecimento de argumentação e debate de ideias. O ensino por investigação exige que o docente valorize e compreenda a importância de evidenciar as imprecisões dos estudantes com o objetivo de se produzir reflexões, a partir de “erros”, conhecimentos prévios e a experiências que a turma traz das suas diferentes realidades. É um trabalho em parceria entre professor e estudantes. Uma construção de entendimento com os aspectos históricos estudados e sobre os conceitos, modelos e teorias que o compõem; pode-se afirmar que é uma construção de uma nova forma para vislumbrar os conhecimentos históricos e o modo como estamos, a eles, relacionados.

A construção do conhecimento histórico se relaciona com o desenvolvimento de noções e conceitos históricos, construídos a partir do contato com o passado, em uma dimensão

temporal. Partindo dessa linha de raciocínio, o historiador Le Goff (1992) define a História como um sistema de explicação das sociedades no tempo. Tais mudanças e continuidades, não possuem aspecto de homogeneidade ou linearidade, ao contrário, como produto de ações e relações, formas de pensar e agir dos seres humanos, experiências que variam ao longo do tempo, onde o tempo histórico é marcado pela multiplicidade e diversidade de aspectos e dimensões. Em cada momento histórico, cada sociedade construiu sentidos para o tempo, produziu conhecimento e cultura. A partir do exposto torna-se um desafio pensar sobre a temporalidade das ações humanas em sociedade, a aprendizagem e a construção de um pensamento histórico precisam ser valorizados e a quantificação de informações, ser menos relevante pois : “O critério para progressão em História não deveria ser o da quantidade de informação factual adquirida, mas o do progresso alcançado em nível de pensamento histórico”. (THOMPSON apud BARCA, 2000, p. 25).

Portanto, sentido do tempo pressupõe o sentido de historicidade e articulação da existência no passado e no presente. Desse modo, o Clube apresenta uma proposta de educação não formal, que possibilita o entendimento da importância, ou não, da prática da educação científica para a minimização das disparidades sociais, uma educação que é capaz de transformar, e favorecer a construção do conhecimento histórico e precisa ter início ainda na Educação Básica “[...] a pesquisa começa na infância, não no mestrado” (DEMO, 2010, p. 58).

A reprodução de uma imagem de superioridade do homem branco que perpassa através dos anos por todos os currículos escolares, livros didáticos e, principalmente, nas práticas pedagógicas, não se restringe somente à Educação Básica. É reforçada constantemente pela mídia e pelos diversos veículos de comunicação que se apoiam em imagens e criam um estereótipo africano associado a miséria, pobreza e fragilidade, numa tentativa de tornar a África um sinônimo de adjetivos que imprimem significado a indivíduos que não são dignos da concepção de civilização. Essa contribuição que é dada pela mídia, Oliva (2003) afirma que:

Reproduzimos em nossas ideias as notícias que circulam pela mídia, e que revelam um Continente marcado pelas misérias, guerras étnicas, instabilidade política, AIDS, fome e falência econômica. Às imagens e informações que dominam os meios de comunicação, os livros didáticos incorporam a tradição racista e preconceituosa de estudos sobre o Continente e a discriminação à qual são submetidos os afrodescendentes aqui dentro. (OLIVA, 2003, p. 431).

Nesse contexto midiático que tem a nítida função de inferiorizar o continente africano e todas as manifestações culturais, e que por consequência dificulta ainda mais o ensino da História da África, é possível retomar às discussões e reflexões sobre a implementação da Lei 10. 639/2003. Nesse aspecto Santana (2012), aponta para necessidade de “libertar o currículo”

e realizar um exercício de interdisciplinaridade e apresenta a necessidade de discutir temas como a folclorização das “culturas negras” na escola; a “diabolização” das culturas africanas e afro-brasileiras na escola; a necessidade de desconstruir a ideia do negro como descendente de escravos africanos e a importância da memória dos lugares onde vivemos e ou nascemos.

Os temas apresentados acima, corroboram com a proposta do Clube de História, e reafirmam a condição de buscar ainda na Educação Básica, a discussão sobre temáticas da cultura afro-brasileira com o objetivo de [re]construir um referencial para o ensino da África, que não esteja limitado à condição de apenas atender aos pressupostos da Lei 10.639/2003. O ensino de história da África foi estabelecido, entre outros aspectos, também por questões de ordem prática: buscar através dessa história, recuperar a memória e história da população afro-brasileira e do Brasil, como nação.

Popularizar o estudo e a pesquisa em torno da história e da cultura afro-brasileira, através de um grupo de estudos de história, constituído por estudantes da Educação Básica, estimula o desenvolvimento da construção de uma identidade de pertencimento, bem como se reconhecer e valorizar suas raízes. Nesse contexto, “[...] um dos objetivos centrais do ensino de História na atualidade, relaciona-se à sua contribuição na construção de identidades” (BITTENCOURT, 2011, p. 121).

O processo de conhecimento histórico e sua adequação ao ensino e aprendizagem são aqui tratados, a partir das concepções que fundamentam uma proposta de trabalho que procura estabelecer o diálogo de uma pedagogia da inclusão, que visa a prática da cidadania e o respeito às diferenças com a realidade da exclusão, apontando para a distância entre a teoria e a prática. Educar pela pesquisa e propor uma investigação que torne possível a valorização da cultura negra é de fundamental importância para que a juventude, sobretudo, construa uma relação de pertencimento com a sociedade na qual está inserida. Apreendendo uma consciência histórica que possibilitará aos jovens dos bairros periféricos desbravarem a sua própria cultura, e contextualizá-los no tempo vivido, a partir da releitura de uma história que vem sendo silenciada e reduzida a estereótipos folclóricos, lembrados abualmente de forma pontual no dia da “Consciência Negra.”

Desse modo o Clube de História está para além da mera transposição didática que atende a Lei 11.645/2008, mas a [re]construção e a popularização de conhecimentos científicos no que diz respeito a cultura afro-brasileira, em um recorte espacial que abrange a cidade de Catu/Ba, seus distritos e os protagonistas jovens das escolas da rede pública da referida cidade.

As análises das relações entre senhores de engenho e os escravos e discutir a realidade dos bairros periféricos da cidade é uma estratégia política para estimular os estudantes a se reconhecerem, como sujeitos de um espaço por eles vivenciados, nas periferias, nos distritos e nas escolas da Rede Pública de ensino de Catu.

O Clube de História, como metodologia de ensino de História, dialoga com um viés pós-moderno, onde “[...] o conhecimento está mudando constantemente” (BARBOSA, 1998, p. 22). As mudanças e a busca por novas metodologias de ensino nos trazem a reflexão do quanto se faz necessário alterar a prática pedagógica, com a finalidade de superar “[...] uma lógica linear, dura, rígida e cartesiana, resumindo-se, fundamentalmente, a concepções pedagógicas e curriculares diretivas sobre o que e como ensinar” (NASCIMENTO; MACEDO, 2005, p. 173).

2.1 A EDUCAÇÃO CIENTÍFICA E O CLUBE DE HISTÓRIA

A educação científica desenvolve habilidades, define conceitos e conhecimentos estimulando a criança a observar, questionar, investigar e entender de maneira lógica os seres vivos, o meio em que vivem e os eventos do dia a dia. Além disso, estimula a curiosidade e imaginação e o entendimento do processo de construção do conhecimento. Investir no conhecimento científico contribuirá para que os seus resultados estejam ao alcance de todos. Além disso, é fundamental para que a sociedade possa compreender a importância da ciência no cotidiano. Ela também representa o primeiro degrau da formação de recursos humanos para as atividades de pesquisa científica e tecnológica. (ROITMAN, 2015, s.p.).

Ao propor uma discussão sobre a aproximação do conceito de Educação Científica e a proposta do Clube de História, é importante refletir que a inserção da Educação Científica na Educação Básica favorece a alfabetização científica que, para Chassot (2003) se refere ao domínio de conhecimentos científicos e tecnológicos necessários para o cidadão desenvolver-se na vida diária, além de potencializar sua inserção social e a melhoria da qualidade de vida. Como foi anteriormente abordado na seção de apresentação, o papel da Educação Científica na formação do cidadão perpassa a compreensão de que a Ciência determina os espaços de poder na sociedade, por isso existe a necessidade de popularizar as Ciências, com a finalidade de construir uma sociedade, efetivamente, democrática.

A Educação Científica pressupõe educar pela pesquisa, ou seja, professores e estudantes precisam ser pesquisadores, para observar, investigar, analisar dados e propor soluções ou caminhos para resoluções de problemas. No caso específico do enfrentamento proposto no Clube de História, o problema encontra-se “naturalizado”, ele existe, mas é ignorado. A cultura afro-brasileira é pontualmente discutida nas escolas e a reprodução das ideias eurocêntricas dita

o ritmo de uma relação entre ensino e aprendizagem que não favorece a libertação das históricas amarras sociais, contribuindo para a continuidade de uma sociedade elitista. A pesquisa, tal como é proposta no Clube de História, forma o sujeito crítico e criativo, um cidadão que pensa baseado na produção e uso inteligente do conhecimento.

Demo (2010) faz uma reflexão sobre a forma como a Educação Científica, como princípio educativo corrobora para a formação social e intelectual e educa o estudante para produzir conhecimentos. O autor afirma que produzir conhecimento pode ser um exercício educativo, quando se conjugam método e cidadania.

Seguindo esse raciocínio, o Clube de História ao propor a pesquisa como princípio educativo estabeleceu a possibilidade para que os estudantes construíssem conhecimentos científicos nas ciências humanas, que os tornam capazes de questionar a ordem hegemônica que oprime a cultura afro-brasileira, aliena e provoca a imposição do fenômeno da aculturação,⁶ no qual a essência cultural afro-brasileira foi substituída e em seu lugar se estabeleceu a massificação de atitudes que intensificam a invisibilidade dos problemas étnicos raciais. A percepção dos problemas históricos tem origem nas relações étnicas e, questioná-los através da pesquisa, não permitem o esquecimento, é uma estratégia para construir conhecimento científico na Educação Básica, neste caso específico do Clube de História nas Ciências Humanas.

2.2 ENSINO DE HISTÓRIA E O PROCESSO INVESTIGATIVO NO AMBIENTE ESCOLAR

Há diferentes maneiras de conceber a natureza do conhecimento humano e de conceber e apreender o conhecimento histórico. A diversidade de pressupostos e perspectivas nos permite confrontar diferentes posições na sua organização teórica e procedimentos metodológicos. Desta forma, o permanente questionamento teórico-metodológico existente na construção da teoria do conhecimento e da história deve ser pensado quando se indaga o que é ensinar história hoje, 'não metodologia pela metodologia, mas uma reflexão necessária sobre a história que se faz e sobre a história a fazer'. As diferentes contribuições precisam ser discutidas e analisadas para possibilitar avançar nas questões de sua transmissão. As novas abordagens, objetos e problemáticas colocadas pela historiografia constituem parâmetros para a constituição dos procedimentos metodológicos de uma nova prática pedagógica. (CIAMPI, 2000, p. 15).

⁶ A aculturação é um conceito antropológico e sociológico. Alfredo Bosi (1992), em *Dialética da colonização*, afirma que esse fenômeno provém do contato entre sociedades distintas e pode ocorrer em diferentes períodos históricos, dependendo apenas da existência do contato entre culturas diversas, constituindo-se, assim, um processo de sujeição social. que está relacionado com a fusão de elementos pertencentes a duas ou mais culturas.

A partir da ideia de que educar é um movimento do ser humano, que tem sua origem nas vivências e experiências que os sujeitos adquirem ao longo de suas vidas, é possível inferir que a pesquisa pressupõe a observação e o diálogo das pessoas com o mundo em seu entorno. No que tange ao ensino de História no ambiente escolar é necessário propor modificações, principalmente com relação aos seus objetivos. Nesse contexto, novas estratégias e metodologias precisam propor não apenas a abordagem de conceitos, como produtos finalizados de um corpo de conhecimento, mas também favorecer que os estudantes compreendam as relações existentes entre o conhecimento e a realidade na qual estão inseridos, ou seja, sujeitos ativos do processo de aprendizagem, uma vez que suas próprias experiências podem condicionar e influenciar a apropriação de novos significados para as situações em estudo.

A partir de um problema levantado sobre os dados colocados pelas vozes dos diferentes sujeitos, nas fontes investigadas, o historiador constrói sua interpretação. Assim, também, o professor deve pensar, em um problema a ser trabalhado com os seus alunos. Ao pensar o que fazer em uma série, é fundamental selecionar um tema e os assuntos que lhe permitam analisar/responder a problemática escolhida. Ressaltar os desdobramentos do ofício do historiador no trabalho do professor em sala de aula, bem como a preocupação com montagem do tema, a problematização, o trabalho de seleção, tratamento e confronto das fontes para compreensão e explicação do objeto de estudo. Ter o aluno e o professor como sujeitos históricos e do seu próprio conhecimento. (CIAMPI, 2003, p. 111).

Pensar o problema como promotor de interações, seja individual ou coletiva, e como indutor do processo de investigação no espaço escolar é um caminho que precisa ser percorrido por estudantes e professores para que haja a construção de novos saberes que dialoguem com a realidade vivenciada.

Muitas vezes encarado como uma simples pergunta, o problema traz associado todo um contexto no qual a situação problematizada faz sentido, possibilitando que, em sala de aula, esta situação seja analisada. É preciso pontuar que um problema escolar é diferente de um problema científico. Na escola, o objetivo central é o contato dos estudantes com um conhecimento ainda não conhecido, mas para o qual pode haver certo consenso na comunidade científica. A resolução de um problema é um processo complexo que congrega ações de instâncias distintas, desde aquelas mais ligadas a ações manipulativas, desenvolvimento e envolvimento cognitivo, até aspectos que demonstram uma construção teórica de conhecimento.

No presente relato, o ensino por investigação, no ambiente escolar, é apresentado como abordagem didática na medida em que se baseia na prática do professor em apresentar problemas envolvendo questões das ciências humanas a seus estudantes e, de permitir que ocorra a construção de entendimentos acerca de conceitos e práticas científicas.

A ideia de investigação se relaciona com os processos por meio dos quais novos conhecimentos são construídos apoiando-se em resultados teóricos, dados empíricos, análise e confronto de perspectivas. Num processo aberto, desencadeado e dependente de características do próprio problema em análise, com forte relação com conhecimentos já existentes (aprendizagem significativa) e reconhecidos pelos participantes do processo. Sob esta perspectiva processos investigativos podem surgir como decorrência, desdobramento e continuidade de investigações em curso ou já realizadas. Desse modo, é importante a continuidade das atividades de pesquisa e investigação em busca de novos resultados a serem confrontados.

Considerando a sala de aula, a abordagem de conteúdos científicos precisa cuidar para que os conceitos e outros elementos da cultura científica não sejam apresentados como construções encerradas em si mesmas e não passíveis de questionamento. Desse modo para Barca (2012) as pesquisas em Educação Histórica surgiram na tentativa de interrelacionar teoria com prática, isto é, não apresentar apenas propostas prescritivas não mensuradas em estudos empíricos, mas criar, implementar e analisar situações de aprendizagem reais, em contextos concretos e disseminar resultados que possam ser ajustados a outros ambientes educativos (BARCA, 2012).

A possibilidade de desenvolver novas abordagens relacionadas ao ensino de História que aproximem o objeto de estudo à realidade, ganha mais significado quando as experiências educativas podem ser adaptadas replicadas em outros contextos educativos. Por isso, o ensino de História deve ter como fundamento o,

[...] desenvolvimento sustentado no conjunto de competências de interpretação e compreensão do passado que permite ler historicamente o mundo, a partir de crianças e jovens, dado que a aprendizagem se for explorada de forma desafiante, criativa e válida, apresenta fortes potencialidades como contributo para o desenvolvimento de competências cognitivas essenciais para a vida numa Sociedade da Informação e de Desenvolvimento. (BARCA, 2012, p. 37).

Pensar o ensino de História no Século XXI é uma tarefa complexa, uma vez que em uma sociedade carregada de informações diversificadas, os indivíduos são confrontados com visões diferentes do mundo e que por vezes elas são conflitantes entre si, como também com os

seus próprios conhecimentos. Na busca por uma reflexão sobre o passado e a conexão com um presente, cada vez mais dinâmico, é importante que:

[...] à realidade social em que o sujeito se move, enquanto fator relevante da aprendizagem, tem sugerido fortemente que a criança ou o jovem aprenderá melhor quando as tarefas que lhe são propostas fazem sentido em termos de vivência humana. (BARCA, 2001: 240).

2.3 ENSINO-APRENDIZAGEM DE HISTÓRIA DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA, A PARTIR DA PESQUISA DE ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO BÁSICA

A história narrada nas escolas é branca, a inteligência e a beleza mostradas pela mídia também o são. Os fatos são apresentados por todos na sociedade como se houvesse uma preponderância absoluta, uma supremacia definitiva dos brancos sobre os negros. Assim o que se mostra é que o lado bom da vida não é nem pode ser negro. Aliás, a palavra negro, além de designar o indivíduo deste grupo étnico-racial, pode significar sujo, lúgubre, funesto, sinistro, maldito, perverso, triste, nefando, etc.” (SANTOS, 2003, 27).

Ensinar a história da cultura afro-brasileira na perspectiva da História Social é romper com uma tradição eurocêntrica que legitimou uma verdade ocidental branca que silenciou as vozes vindas da África e do Sul global. Reconhecer que as instituições de ensino são reprodutoras de verdades prontas e de realidades descontextualizadas, é o primeiro caminho para buscar alternativas que possibilitem a inserção de uma política de valorização das raízes e das ancestralidades que constituem o povo brasileiro em sua totalidade, e não apenas a reprodução de um recorte branco que influenciou, principalmente no sul e sudeste do Brasil.

A recuperação da memória⁷, a história da população afro-brasileira e do Brasil, como país, a partir da História da cultura afro-brasileira é o caminho que vem sendo proposto pelas ações do Clube de História. Nesta seção abre-se espaço para a compreensão da relação da pesquisa protagonizada por estudantes da Educação Básica com o processo de ensino e aprendizagem de História da cultura afro-brasileira e a construção de identidade.

A identidade a qual me refiro é cultural, onde os grupos étnicos se encontram e os indivíduos desenvolvem o sentimento de pertença. Nesse contexto, o resgate da memória é de suma importância devido à construção de uma identidade que dialoga com o conceito de nação, tal como afirma Hall: “[...] as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos,

⁷ Memória é a faculdade de reter ideias ou reutilizar sensações, impressões ou quaisquer informações adquiridas anteriormente, como afirma o dicionário da Língua Portuguesa (FERREIRA, 1989). A Memória Social seria a coletivização desse processo. O autor que deu origem a esse pensamento foi o sociólogo Maurice Halbwachs (2006), ele afirmava que Memória Social é a essência do conhecimento coletivo e culturalmente conhecido por determinado grupo balizado por um determinado contexto.

mas são formadas, transformadas no interior da representação” (HALL, 1999, p. 48). Sendo a nação construída, gera sentimentos de identidade e de pertença que não se relacionam necessariamente, com os limites geográficos que definem essa nação.

Dessa forma, ensinar e aprender sobre a cultura afro-brasileira, após 130 anos de uma abolição, que se concretizou do ponto de vista legal, mas ainda apresenta importantes lacunas sociais é perceber que, ao mesmo tempo, existe um movimento para esquecer o período escravagista e suas consequências e há também aqueles que se levantam contra esse esquecimento, para que a memória continue viva em uma resistência para não silenciar o passado e preservá-lo, visto que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletivo, além de ser, também, um fator extremamente importante do sentimento de continuidades de coerência de uma pessoa de um grupo em sua reconstrução de si. (POLLAK, 1992).

A memória histórica constitui um fator de identificação humana. É a marca ou o sinal de sua cultura. Reconhecemos nessa memória o que nos distingue e o que nos aproxima. Identificamos a história e os seus acontecimentos mais marcantes, desde os conflitos às iniciativas comuns. E a identidade cultural define o que cada grupo é e o que nos diferencia uns dos outros. Paul Thompson (1992), no seu livro *A Voz do Passado*, conclui que a memória é a reconstrução elaborada a partir de parâmetros que são resultados da relação entre o homem e a sociedade. Essa reconstrução do passado depende, essencialmente, da integração do indivíduo a um grupo social que compartilha suas experiências e, cuja existência dá sustentação à sua memória. Neste sentido, a memória individual é, ao mesmo tempo uma memória social.

A relação entre memória e construção de identidade, nos faz refletir que a memória não é a busca de informações do passado para reconstitui-lo e, sim, um processo dinâmico da própria rememoração que vai sendo grafada, narrada ou mesmo tornando-se fonte-histórica, utilizando da memória social que é um dos meios fundamentais para abordar os problemas do tempo e da história. (LE GOFF, 1992).

A identidade cultural e a memória articulam-se, pois a memória é um elemento essencial da identidade e contribui para a formação da cidadania. Distinguindo as características que a marcam em relação a si própria e em relação a outras culturas. O processo de construção de identidades está relacionado um passado histórico, com o qual a origem dessas identidades continua a manter uma relação de proximidade, um vínculo que mostra o quanto os recursos da história, da linguagem e da cultura são usados para a produção, não daquilo que nós somos mas daquilo no qual nos tornamos (HALL, 2000).

Através da memória e da construção da identidade de um grupo social, o Clube de História se apresenta com a perspectiva de preservar a cultura e fazê-lo cada vez mais presente no cotidiano dos estudantes como objeto de valorização, preservação e popularização. Desse modo, para ocorrer uma aprendizagem significativa, o educador precisa reconhecer e valorizar os conhecimentos prévios dos estudantes e suas diferentes relações identitárias, a partir da convivência e de contextos sociais que corroboram com um processo educativo que favorece a inclusão social.

É possível concluir que estudar a História Local é uma possibilidade ímpar de refletir sobre problemas que afligem toda uma sociedade, sejam esses estruturais, possibilitando a compreensão do contexto social, político e econômico que não se encontra nos livros didáticos. Como afirma Goubert (1998, p.73): “A volta à História Local origina-se de um novo interesse pela História Social, ou seja, a história da sociedade como um todo”.

O professor e o estudante, como autores, a partir da investigação e análise das distintas fontes históricas, entendendo a sua cultura e o seu modo de vida, na qual se pode construir uma educação que possibilite a valorização e a compreensão das mais distintas realidades de forma contextualizada e prazerosa. Para Proença (1990, p. 99) “Assiste-se presentemente ao desenvolvimento de uma História Local que visa tirar partido das novas metodologias e cujos temas poderão ter um aproveitamento didático motivador e estimulante”.

A História Local pode ser compreendida também como estudo do meio, ou seja, “[...] como recurso pedagógico privilegiado que possibilita aos estudantes adquirirem, progressivamente, o olhar indagador sobre o mundo de que fazem parte” (BRASIL, 2006). Desse modo, a pesquisa tem como função despertar no estudante um olhar crítico que possibilite discutir a sua realidade e perceber a cultura afro-brasileira, como um patrimônio que precisa ser valorizado e preservado. Um olhar que não pode se adaptar com a naturalização histórica, da forma como vem sendo abordada a relação entre a “casa grande e a senzala”, um olhar que deve ser de ruptura a partir de uma educação que seja capaz de transformar e libertar:

A educação não pode ser instrumento de aprisionamento dos indivíduos, é necessário se buscar a autonomia, propor e acreditar que é possível haver mudanças, onde o saber da História deve ser entendido como uma possibilidade e não como determinação, incentivando não apenas constatar o que ocorre, mas também possibilitar a intervenção, fugindo de meras adaptações e se propondo a mudar e interagir com a realidade (FREIRE, 2004, p. 24).

Analisando essa perspectiva defendida pelo autor compreende-se que o papel da disciplina história deve ser de contribuir para a formação de uma consciência histórica, que é

uma categoria geral que não tem relação apenas com o aprendizado e o ensino de história, mas cobre todas as formas de pensamento histórico; através dela se experiêcia o passado e se o interpreta como história (RÜSEN, 2010). Ou seja, o autor entende a história com o papel de orientar, potencializar as condições para que os sujeitos se compreendam como partícipes da história e possam orientar-se no tempo e construir conhecimentos.

Conhecimento entendido como diálogo entre conceitos e realidade social; como construção de significados e relações entre pessoas, ideias e objetos. Sob o prisma da Educação Histórica a aprendizagem da história deve ser significativa aos sujeitos em termos pessoais, proporcionando maior compreensão à vida humana. Desse modo, propor o ensino de história em uma perspectiva da construção de conhecimento, sobre a cultura afro-brasileira, não significa dizer que a História precisa ser ciência para ter valor social.

O método científico ao qual se associa à pesquisa realizada no Clube de História tem como função estabelecer um caminho no qual os estudantes irão se referenciar, porém não limita e não impossibilita a criação de novos roteiros e percursos. Contudo se espera que a partir da problematização da realidade, na qual estão inseridos, os estudantes se reconheçam como sujeitos de um contexto histórico e social que não pode ser ocultado nem silenciado por uma cultura eurocêntrica que insiste em descaracterizar os valores inerentes a cultura africana. Aprender a pesquisar, desenvolver um plano de pesquisa, definir problema(s), justificar a importância do objeto de estudo, estabelecer uma metodologia, analisar resultados e praticar a seleção e a leitura das referências são habilidades a serem desenvolvidas no Clube de História, mas sem limitar o valor social da história a sua condição científica, linear e objetiva, tal como se espera das ciências naturais numa perspectiva positivista.⁸

No processo de reflexão e discussões que ocorrem no Clube de História, fica posto para estudantes e professores a certeza de que o conhecimento é um processo e não uma informação pronta, acabada e definitiva. Conhecimento, aqui, visto como diálogo entre conceitos e realidade social, construção de significados e relações entre pessoas. Uma forma de comunicação que se expressa em práticas e representações, permitindo alterar a relação com o meio familiar e social.

A construção de conhecimento surge de um contexto social e cultural, no qual alunos, professor e conhecimento articulam diferentes vivências, interesses, e expectativas. Divergindo das concepções mais tradicionais das ciências da natureza, que buscam as leis abrangentes para

⁸ O positivismo foi uma ampla corrente de pensamento que durante o século XIX teve uma repercussão na Europa, e assentava-se na ideia de que a ciência é o nosso único meio de construção do conhecimento verdadeiro, ou seja, pregava uma espécie de primazia da ciência em detrimento de outras formas do conhecimento humano.

explicar fenômenos, a história se ocupa com o estudo das ações humanas no tempo e entender especificidades, de maneira seletiva possibilita a construção de conhecimento histórico, ainda que seja provisório e aberto a novas interpretações.

Na continuidade do presente relatório apresento em anexo, o estatuto do Clube de História, APÊNDICE A, pontuando critérios que regulam o cotidiano das ações dos estudantes pesquisadores e do professor coordenador do Clube de História. A partir da formação do grupo inicial de estudantes, que compõem o Clube, o Estatuto se configura como um mecanismo que possibilita a continuidade do projeto em outros espaços educativos, além de conferir autonomia para os estudantes, uma vez que os membros podem entender como funciona o Clube e, portanto, podem atuar com coerência visando a preservação dos objetivos do Clube de História. No decorrer dos cinco capítulos que constituem o Estatuto é explicitado a denominação, sede, objetivos e duração do projeto, além de descrever a organização do Clube, seus membros e o regime disciplinar.

Ao trazer o Clube de História como objeto de estudo, o principal questionamento ou problema de pesquisa se encontra em entender de que forma os estudantes podem ser protagonistas no processo de ensino e aprendizagem. A compreensão do processo de ensino e aprendizagem, que é proposto no Clube de História, é o tema do próximo capítulo, que traz a análise dos diários de bordo e dos planos de pesquisa que os estudantes desenvolveram no âmbito do Clube de História nos anos de 2016 e 2017. Dialogar com os estudantes e entender a construção do conhecimento sobre a cultura afro-brasileira, a partir do olhar do jovem pesquisador é uma forma de validar as proposições aqui discutidas e sinalizam os pontos positivos do ensino por investigação.

Durante a pesquisa, os estudantes desenvolveram habilidades que foram relatadas e mostram como os objetivos do Clube foram sendo obtidos. Após a realização da primeira Feira de Ciências das Escolas Estaduais de Catu, a estudante A, fez um relato da sua experiência vivenciada na condição de pesquisadora:

Data 15.09.2016 Horário 19:54

“Durante a FECEEC foram muitas pessoas que passaram para conferir um pouco do nosso projeto, alunos, professores e avaliadores. No decorrer da feira de ciências tivemos algumas críticas e elogios. Uma das críticas foi pelo fato do número de perguntas ser diferente das barras no gráfico, só fizemos 8 perguntas e foram só algumas críticas também das referências, de todos os alunos que passaram para ouvir a explicação sobre o nosso projeto todos nos parabenizaram pelo incentivo do trabalho. Assim, como as críticas, tivemos os elogios dos avaliadores pela ideia do projeto que eles achavam muito interessante e um grande incentivo para acabar com o preconceito na sociedade. Uma das coisas que mais chamaram a nossa atenção, foi a questão

de várias meninas hoje usarem o black, pelo fato de estar muito na moda, mas atrás dessa moda buscamos a valorização, a moda da cultura afro-brasileira está vinculada as raízes africanas e é isso que precisamos fortalecer. Nosso projeto teve um início de apresentação muito boa, mas infelizmente no final não ganhamos a credencial para a Feira Estadual”. (ESTUDANTE A)⁹

Observando o relato da estudante, é possível perceber o seu interesse pelo objeto de estudo, o relatório foi elaborado no mesmo dia da feira, após um dia de trabalho, repetindo inúmeras vezes a sua explanação, a estudante ainda assim escreveu suas impressões sobre a sua participação na feira. A estudanteA identificou, a partir das críticas, pontos que podem ser melhorados no desenvolvimento da sua pesquisa, no cotidiano da sala de aula, as avaliações trazem críticas que são representadas através de notas baixas que têm um caráter mais de punição do que propriamente educativo.

A análise que a estudante fez sobre a moda do uso do cabelo *black*, foi muito interessante, pois mesmo reconhecendo que existe um modismo, afirmou que existe uma referência na cultura afro-brasileira e é essa postura que precisa ser valorizada, para que se obtenha o respeito por culturas diferentes e não a imposição cultural que é enfatizada no decorrer da História do Brasil.

Interpretação, criticidade, análise de argumentos e organização das ideias, a partir da pesquisa e apresentação dos seus resultados em Feira de Ciências são algumas das habilidades que podem ser identificadas no relato da estudanteA, o que evidencia o quanto se faz necessário propor a pesquisa, como princípio educativo, ainda na Educação Básica, uma vez que temas importantes como a valorização da cultura afro-brasileira podem fazer parte da formação de cidadãos, cada vez mais alfabetizados cientificamente, aptos a serem protagonistas de um processo de ensino e aprendizagem que liberta e transforma os indivíduos e as comunidades nas quais os mesmos se encontram.

⁹ A estudante A, cursa atualmente o 3º Ano do Ensino Médio Regular, no Colégio Estadual Maria Isabel de Melo Góes.

3 METODOLOGIA

3.1 METODOLOGIA DO CLUBE

O problema imediato que se observa no ensino de ciências humanas, sobretudo na disciplina História, é a prática da reprodução e a dificuldade de propor uma metodologia que seja capaz de construir conhecimento e não, simplesmente, transpor conteúdos sem significação. Os discentes, muitas vezes, não se percebem no processo de ensino e aprendizagem, não há sentido nos conteúdos, que estão distantes do cotidiano vivenciado por esses estudantes. Desse modo, como o professor de História pode [re] construir a sua metodologia de ensino, em uma perspectiva de que o discente seja protagonista do processo de construção do conhecimento?

O Clube de História, como metodologia de ensino, tem o objetivo de estimular novas discussões que tornem possível mensurar o quanto o desenvolvimento de habilidades e competências dos estudantes da Educação Básica pode ser otimizado, a partir de uma proposta de ensino que está situada no espaço de educação formal, escola, mas que se apresenta como uma prática educativa não formal, uma vez que a participação dos estudantes não se dá através da imposição e, sim, por meio da escolha do discente. De acordo com Gadotti:

A educação não formal é mais difusa, menos hierárquica e menos burocrática. Os programas de educação não formal não precisam necessariamente seguir um sistema sequencial e hierárquico de 'progressão'. Podem ter duração variável, e podem, ou não, conceder certificados de aprendizagem. (GADOTTI, 2005, p. 5).

A implementação do Clube de História no cotidiano das atividades do Colégio Estadual Maria Isabel de Melo Góes pode ser percebido, a partir do método dialético, que considera que os fatos não podem ser analisados de forma descontextualizada dos aspectos social, cultural, político e econômico. Os estudantes que participam do Clube de História, a todo instante, são convidados a relacionar os fatos históricos mencionados no livro didático e nas fontes analisadas, com a História Local e com o cotidiano no qual estão inseridos.

As etapas que foram desenvolvidas para a aplicação do Clube de História, como metodologia de intervenção social, ocorreram na seguinte ordem:

1. Reunião com a Direção do Colégio Estadual Maria Isabel de Melo Góes, e lançamento da proposta de inserção do Clube de História nas atividades dos estudantes que demonstrem desejo de participar.

Nessa etapa não houve dificuldades, visto que já havia na escola a prática de atividades docentes que buscam através da pesquisa responder a questões do cotidiano. No entanto houve a identificação de um problema relacionado ao espaço físico da escola, e a adequação do horário docente para desenvolver as reuniões com estudantes que optassem por participar do Clube. Diante do primeiro obstáculo a solução encontrada foi promover as reuniões do Clube na biblioteca da escola, um espaço pequeno, no qual acontecem outras atividades pedagógicas.

Em relação ao tempo disponibilizado para o professor realizar as reuniões com os estudantes, não existe, até então, um amparo legal, por parte da Secretaria de Educação do Estado da Bahia que possibilite ao professor pesquisador usar parte da sua carga horária para se dedicar a pesquisa com os estudantes. Dessa forma, parte da Atividade de Coordenação¹⁰, vem sendo destinada às reuniões e encontros presenciais dos estudantes e do professor. Uma situação marcada pelo imprevisto, sem as condições adequadas para que seja realizado um trabalho mais incisivo. Dessa forma, fica evidente que o projeto de intervenção não pode ocorrer de forma isolada das demais atividades da escola. A direção precisa se envolver e buscar as melhores condições possíveis para que os projetos sejam, efetivamente, desenvolvidos. O corpo docente da escola precisa entender que uma proposição de intervenção e reflexão sobre o fazer pedagógico potencializa resultados positivos para todas as áreas do conhecimento.

2. Processo de seleção dos estudantes, através da divulgação da proposta do Clube, entre os discentes do Ensino Médio.

O processo de seleção dos estudantes e a divulgação da ideia do Clube de História é um desafio do convencimento; mesmo a escola já trabalhando com a proposta de ensino por investigação e Educação Científica, ainda há um desconhecimento por parte dos estudantes sobre os desdobramentos que uma abordagem didática fundamentada na pesquisa e, na busca por conhecimentos pode proporcionar a médio e longo prazo no desenvolvimento de cidadãos críticos e capazes de ter uma

¹⁰ Lei 8.261 de 29 de maio de 2002 (BAHIA, 2002): Dispõe sobre o Estatuto do Magistério Público do Ensino Fundamental e Médio do Estado da Bahia e dá outras providências Art. 57 - É obrigatória a participação de todos os professores em efetiva regência nas Atividades Complementares, em dia e hora determinados pela direção da Unidade Escolar, sendo essas atividades supervisionadas pelo Coordenador Pedagógico, sem prejuízo da carga horária destinada à efetiva regência de classe (BRASIL, 2002).

inserção mais igualitária no mercado de trabalho, mesmo com inúmeros problemas encontrados no cotidiano das instituições públicas de ensino.

Os estudantes foram avisados no início do ano letivo sobre a proposta geral do Clube de História. Cabe ao professor relatar alguns pontos importantes; entre eles, o fato de que o projeto não faz parte do currículo regular, logo não existe uma obrigação dos estudantes em participar, com o objetivo de pleitear uma nota. Além disso, o docente precisa deixar bem precisa a informação de que se faz necessário comprometimento e desejo de aprender, mesmo não havendo notas e cobrança formal de frequência, os alunos precisam ter uma postura ética de ter um tempo destinado às leituras, reuniões e apresentações promovidas pelo Clube de História, em diferentes espaços educativos.

Após um contato inicial com os estudantes, o professor precisa registrar os contatos e os nomes dos estudantes que, inicialmente, demonstrem interesse em participar do projeto. É comum no momento inicial muito alunos demonstrarem interesse, levados por diferentes razões. Podemos citar algumas, mas certamente o que mais atrai os estudantes, inicialmente, é a possibilidade de apresentar projetos de Iniciação Científica Júnior em feiras da própria cidade e até mesmo em outros estados da federação.

Desse modo, a primeira reunião acaba sendo um divisor de águas, a partir da livre demonstração de vontade do estudante em participar. A primeira reunião é o momento de relatar o passo a passo da metodologia e conhecer o perfil de cada estudante. Após essa etapa muitos alunos acabam abrindo mão de participar, pois entendem que não conseguirão acompanhar o desenvolvimento das atividades.

Porém, aqueles que ficam trazem relatos de fascínio com a disciplina História e, muitas vezes, confessam que a relação de amor com a disciplina foi despertada em algum momentos das suas atividades escolares, através de professores que propuseram uma metodologia que valoriza o conhecimento que o indivíduo traz consigo, dando-lhe espaço para dialogar, refletir construir e [re]construir conhecimentos que fazem parte do seu cotidiano. Nesse sentido uma das estudantes do Clube de História, afirmou que:

“Eu quero participar do Clube porque sou simplesmente apaixonada por História, tudo começou na sexta série, quando uma professora chamada Ana Lúcia me ensinou, ela me fazia viajar, era muito bom. Parecia que estávamos vivendo num outro momento e depois voltávamos para entender o presente,

era muito legal, e eu vejo no Clube a possibilidade de continuar gostando ainda mais de história”. (ESTUDANTE A).¹¹

Na fala da estudante é possível perceber que a relação que a conecta com a disciplina História não está pautada na necessidade de obter uma nota para passar para a série seguinte, existe uma ideia de prazer, motivação e inclusão. A inclusão se mostra através da possibilidade de pertencimento, de se reconhecer nos conteúdos tendo a possibilidade de fazer um diálogo com o tempo presente. Desse modo, os estudantes permanecem no Clube, ávidos por conhecimento e com a ideia fixa de transformação. A transformação não se dá na prerrogativa de termos historiadores em formação, mas indivíduos que passam a enxergar possibilidades e oportunidades de se posicionarem como protagonistas de uma sociedade ainda excludente.

3. Entrevista com os estudantes.

Após a reunião inicial, é necessário fazer um momento individual, conhecer a história de cada indivíduo, o seu lugar de origem e as suas inquietações. Nesse momento, notamos a pluralidade de valores e a diversidade de vivências que jovens entre 14 e 16 anos já experimentaram por diferentes motivos. É importante que o professor se atenha a cada detalhe e possa identificar as inquietações desses estudantes, para que os textos propostos para leitura e discussão possam dialogar e se aproximar dessas realidades que, certamente, apresentam pontos em comum.

A entrevista se desenvolve no formato de uma conversa na qual o estudante fica livre para falar sobre sua realidade em diferentes aspectos, o tempo reservado para cada estudante foi de aproximadamente 30 minutos, por isso essa etapa demorou alguns dias para ser finalizada. Durante as entrevistas foi possível perceber que os alunos, diferente da ideia que se discutia em salas dos professores, possuem interesse na aprendizagem e tem muito a ensinar. As questões norteadoras da entrevista variavam e se adequavam a cada realidade e território de identidade, no qual a escola e os estudantes estão inseridos, para possibilitar entender qual a forma mais adequada de provocar o diálogo entre o conhecimento acadêmico e a dinâmica que é vivenciada pelos discentes no seu cotidiano.

¹¹ Estudante do Clube de História ingressou no projeto em 2018, a estudante cursa o 1º ano do ensino médio regular.

4. Organização do cronograma de funcionamento do Clube de História.

Organizar o cronograma de reuniões e encontros presenciais não foi uma atividade simples, uma vez que a escola em questão (Colégio Estadual Maria Isabel de Melo Góes) não apresentava um espaço físico que favorecia os encontros no turno oposto ao de funcionamento das disciplinas do currículo regular. Os espaços são ocupados com aula e por isso foi preciso dividir espaço com estudantes que frequentam a biblioteca. Além da infraestrutura da escola ser carente, existe também a diversidade dos estudantes, no que diz respeito às localidades onde residem. Esse fato dificultou ainda realizar as reuniões com todo o grupo, atualmente composto por 13 estudantes.

Como alternativa para a dificuldade de se reunir com os estudantes foi criado um grupo em rede social que possibilitou acompanhar as discussões, sugerir leituras e desenvolver as ações que favoreciam a construção de projetos de pesquisa e, posteriormente, a apresentação em Feiras de Ciências. A periodicidade das discussões virtuais é semanal e os encontros presenciais quinzenalmente no turno oposto ao que os alunos estudam. Na tentativa de orientar e acompanhar todos os alunos foi preciso em alguns momentos, fazer orientações até mesmo em períodos que extrapolam a carga horária de trabalho semanal.

O roteiro de atividades do Clube, no que diz respeito às reuniões com os estudantes segue a sequência:

- 4.1 Apresentação da proposta, do projeto e estatuto do Clube de História;
- 4.2 Explicação sobre o Diário de Bordo, sua importância e necessidade de acompanhar o estudante durante toda a sua participação no Clube de História;
- 4.3 *Brainstorming*, com o objetivo de provocar os estudantes a pensar em possíveis temas de pesquisa que surgem, a partir da observação dos problemas da realidade na qual estão inseridos;

- 4.4 Foram selecionados textos acadêmicos que possibilitam a reflexão sobre a cultura afro-brasileira e, os estudantes escolheram as leituras que desejaram realizar;¹²
- 4.5 Os estudantes fizeram fichamentos e anotações sobre as leituras e levantaram pontos para discussão. Esses pontos são discutidos, inicialmente, em ambientes virtuais e depois foi realizado um debate presencial. Nesse momento, existe o desenvolvimento da capacidade de ler, analisar, interpretar e se comunicar a partir de argumentos e exposição de ideias;
- 4.6 Nos encontros seguintes os estudantes são apresentados à Plataforma Ápice Febrace¹³, onde realizam um curso *online*, Metodologia da Pesquisa e Orientação de Projetos de Iniciação Científica, que possibilita aprender mecanismos de pesquisa, conceitos de plano de pesquisa, Diário de Bordo e outros elementos fundamentais para o desenvolvimento de Iniciação Científica Júnior;
- 4.7 A partir da discussão e formação teórica, os estudantes são orientados na construção do plano de pesquisa e iniciam a pesquisar, seguindo a metodologia definida no plano. Nessa etapa, o orientador segue acompanhando os estudantes em atividades de campo, onde são analisadas fontes e realizado o levantamento de dados;
- 4.8 Por fim, foi feito o processamento dos dados obtidos, discutindo no grupo de trabalho, compartilhando ideias, registros no diário de bordo e fazendo reflexões sobre os objetivos que foram determinados e os resultados alcançados;
- 4.9. As etapas registradas no Diário de Bordo devem ser organizadas em um artigo, que é compartilhado com outros estudantes em oficinas, palestras e Feiras de Iniciação Científica.
5. Definição das reuniões do Clube de História, que ocorrem uma vez por semana, para a leitura, discussão e produção textos sobre a História Local.

¹² O livro *Superando o Racismo na escola* organizado por Kabengele Munanga (2000), traz artigos interessantes para serem discutidos com os estudantes.

¹³ A plataforma de Aprendizagem Interativa em Ciências e Engenharia (APICE) serve para apoiar o aprendizado em ciências, por meio do desenvolvimento de projetos investigativos e da apresentação de projetos em feiras e mostras científicas. Através de cursos *online* se destinam a gestores, professores e estudantes do ensino fundamental, médio e técnico que se interessam por ciências. Disponível em: <http://apice.febrace.org.br/>.

6. Orientação dos projetos de pesquisas dos estudantes, para submissão em Feiras de Ciências na cidade Catu/Ba e realização de pesquisa de campo.
7. Realização de Oficina sobre História Local, em parceria com os professores, possibilitando aos estudantes do Clube de História, divulgarem suas pesquisas.
8. Compartilhamento de aprendizagens, na qual todos envolvidos no projeto foram convidados a fazer o diagnóstico dos possíveis benefícios e/ou malefícios que a pesquisa e o conhecimento científico podem proporcionar ao ensino de História.
9. Análise da efetividade desse projeto de intervenção, como estratégia pedagógica de ensino não formal de história, de práticas de iniciação científica na educação básica e como instrumento de construção da cidadania do estudante.

Para verificar a eficiência da metodologia de ensino aprendizagem vivenciada no Clube de História foi observada as seguintes etapas:

1. Observação dos estudantes envolvidos no projeto, no que diz respeito as suas inquietações, proposição de problemas e posicionamento em relação a cultura afro-brasileira;
2. Registro feito pelos os estudantes, de todas as etapas por eles vivenciadas no projeto, em um Diário de Bordo;
3. Coleta, organização, seleção e interpretação de dados para a realização análise de discussão dos resultados.

A pesquisa científica apresenta determinados norteamentos para a sua realização, a partir da proposta do projeto de intervenção, como já foi citado no capítulo de introdução, foi escolhido o método da observação, como instrumento de pesquisa. Segundo Rudio (1986, p. 114) “[...] chama-se de instrumento de pesquisa o que é utilizado para a coleta de dados”, ou seja, é estabelecido o que será utilizado no desenvolvimento do estudo para a obtenção das informações pertinentes ao trabalho.

Na próxima seção, irei descrever a metodologia utilizada par analisar o Clube de História, tendo como referência a minha posição de pesquisador e coordenador do projeto de intervenção.

3.2 METODOLOGIA UTILIZADA PARA ANÁLISE NO RELATÓRIO

Os instrumentos de pesquisa caracterizam-se por apresentar vantagens e desvantagens, Gil (1999) destaca que na observação os fatos são percebidos de forma direta, sem que haja qualquer tipo de intermediação, sendo considerada uma vantagem, em comparação aos demais instrumentos. Uma vez que possibilita meios diretos para se estudar uma ampla variedade de fenômenos; propicia a coleta de dados sobre um conjunto de atitudes comportamentais; permite obter dados não contemplados em questionários e entrevistas.

Porém Marconi e Lakatos (2003) abordam que a observação, como um instrumento de pesquisa, apresenta limitações, uma vez que a presença do pesquisador pode provocar alterações no comportamento dos observados; os acontecimentos podem ocorrer simultaneamente, dificultando a coleta dos dados e algumas informações podem não ser acessíveis ao pesquisador.

No que tange às dificuldades ou limitações mencionadas, do instrumento de pesquisa escolhido para analisar o clube de História, desenvolvi algumas ações que corroboraram para minimizar as limitações citadas. Na próxima seção, irei discutir as ações realizadas para otimizar o processo de observação e evitar perdas de informações relevantes da pesquisa.

A partir da metodologia usada para que o Clube de História desenvolvesse as suas atividades, optar pelo método da observação, como instrumento de pesquisa para entender as ações dos estudantes e mensurar os resultados trouxe a possibilidade de acompanhar com proximidade o comportamento dos estudantes. Durante o desenvolvimento do projeto de intervenção, aqui descrito, me coloquei enquanto observador participante, ou seja, estive próximo aos estudantes em reuniões e eventos de Iniciação Científica e, até mesmo, em pesquisas de campo, nas bibliotecas públicas, entrevistas e na busca por fontes de pesquisa em diferentes localidades.

Mas por que observar? Para que observar? Como observar? Quem observar? E o que observar? A observação foi motivada para levantar dados que possibilitassem entender a postura dos estudantes em relação à cultura afro-brasileira, para dessa forma entender como esses estudantes se percebiam como cidadãos passivos, em meio aos diferentes problemas étnicos raciais, sociais e políticos existentes nas comunidades que estão inseridos. A observação ocorreu na entrevista inicial para apresentar aos estudantes a proposta do Clube de História e seguiu durante as reuniões, análise do Diário de Bordo, nas proposições de pesquisa e problemas apresentados, nas enquetes realizadas no grupo de *whatsapp* do Clube e, também,

em conversas informais durante as viagens ou até mesmo em confraternização dos membros do Clube.

Dessa forma, partindo do problema de que vários aspectos da vida cotidiana particular dos estudantes não me eram acessíveis, além de observar os estudantes, fiz também reuniões com os seus responsáveis, o que me fez perceber o quanto as influências trazidas no contexto da educação familiar são marcantes na postura dos jovens pesquisadores. Vale ressaltar que o grupo teve uma grande adesão de jovens evangélicos, jovens que carregam preconceitos relacionados à cultura afro-brasileira, impossibilitando os mesmos de se perceberem como sujeitos inseridos em um contexto histórico de desigualdades, que é alimentada por diferentes vieses e precisam ser questionadas e ressignificadas.

Desse modo, as limitações características do processo de observação foram sendo superadas, visto que se tornaram amplas e realizadas a partir de diferentes formas. No entanto, vale ressaltar que nas Feiras de Iniciação Científica, os estudantes apresentavam seus pôsteres com relativa facilidade e grande desenvoltura para professores, alunos e avaliadores, porém em uma apresentação para mim, orientador, demonstravam nervosismo. Para tentar superar esse problema, iniciamos a realização de oficinas nas escolas Municipais da cidade de Catu, Dessa forma, apresentamos e discutimos juntos, o que gerou para os estudantes mais tranquilidade nas apresentações, preservando a espontaneidade e, por sua vez, possibilitou melhor observação do objeto de estudo.

Além da observação, interpretar o Diário de Bordo e os relatos dos estudantes foi uma forma de compreender como os meninos e meninas, do Clube de História, se reconhecem como protagonistas de uma educação que traz elementos de transformação no cenário do Colégio Estadual Maria Isabel de Melo Góes e, principalmente, analisar qual o lugar de fala desses estudantes, em qual contexto esses alunos estão inseridos e como eles podem buscar uma mudança de postura que intensifique a luta por direitos e valorização da cultura afro-brasileira, tendo como ponto de partida o espaço escolar.

Conforme Infante, Silva e Alarcão (1996, p. 162) “O processo de relatar implica já uma transformação do que aconteceu. Não estamos perante a realidade, mas perante a realidade tal como foi percebida pelo narrador do episódio”. Dessa forma, pode-se inferir que as observações descritas nos diários não representam a realidade em si, mas uma realidade reconstruída pelo relator.

A análise do Diário de Bordo, aqui proposta, foi realizada através da metodologia de análise de conteúdo. Essa metodologia envolve um conjunto de técnicas sistemáticas, que

permitem descrever e interpretar mensagem atingindo uma compreensão de significados em nível avançado. Segundo Moraes (1999), essa prática nasce através da tradição de abordagem dos textos por volta do início do século XX. Como são técnicas rigorosas na absorção dos dados, cujo foco é não perder a heterogeneidade de seu objeto, constituindo como uma metodologia de pesquisa, sua finalidade é usada com maior subjetividade para descrever e interpretar o conteúdo de toda a classe de documentos e textos, esse processo ocorre por meio de descrições sistemáticas, qualitativas ou quantitativas de reinterpretações das mensagens.

4 ANÁLISE DE DADOS

Não caçamos pretos, no meio da rua, a pauladas, como nos Estados Unidos. Mas fazemos o que talvez seja pior. A vida do preto brasileiro é toda tecida de humilhações. Nós tratamos com uma cordialidade que é o disfarce pusilânime de um desprezo que fermenta em nós, dia e noite. (RODRIGUES).

O protagonismo vivenciado pelos estudantes que participam do Clube de História é um fator de grande destaque. Sair da condição de ouvinte e atuar como proponente de temas a serem estudados, ensinados e principalmente apreendidos faz do estudante um indivíduo mais preocupado com as questões sociais, nas quais o mesmo está inserido. Identificar, questionar, levantar hipóteses e propor soluções, sobretudo no que diz respeito às questões relativas à cultura afro-brasileira é uma ação que emancipa e liberta os jovens pesquisadores. Novas possibilidades surgem e a visão eurocêntrica que limita e engessa o negro a uma condição de escravidão e subserviência, passa a ser questionada abrindo espaço para uma epistemologia do sul¹⁴, capaz de propagar para além dos muros da escola vozes que representam uma afirmação de liberdade, não em uma perspectiva de benevolência branca para com os negros, mas sobretudo em um ato de afirmação da cultura afro-brasileira e a consolidação da busca de concretização de direitos legítimos que são ignorados.

4.1 ANÁLISE DOS DIÁRIOS DE BORDO

O Diário é um instrumento de trabalho do professor e dos estudantes que compõem o Clube de História. Nele são relatadas reflexões sobre os acontecimentos relacionados ao projeto de pesquisa, desde a ideia inicial, levantamento e identificação do problema, os interesses e a motivação do grupo. O acesso às informações, o cronograma de ações e organização do plano de pesquisa são detalhados no Diário de Bordo, que pode ser compreendido como um guia de reflexão sobre a prática, favorecendo a tomada de consciência do professor sobre seu processo de evolução e sobre seus modelos de referência (PORLÁN; MARTÍN apud OLIVEIRA; GEREVINI; STROHSCHOEN, 2017, p. 124).

A perspectiva investigativa do Diário de Bordo é um dos objetos de análise do projeto de intervenção Clube de História, pois favorece a construção de conhecimento histórico sobre a prática educacional da pesquisa de estudantes da Educação Básica, que refletem sobre a cultura

¹⁴ Boaventura de Sousa Santos (2009) discute, no livro *Epistemologias do Sul*, sobre o pensamento abissal da epistemologia moderna ocidental e seus fragmentos e lacunas, apontando que para sobre as epistemologias um padrão de hierarquização no qual, assim como as culturas, as epistemologias também foram suprimidas com o processo de colonização. Enfatiza a necessidade de um diálogo e de um resgate de outras formas de saberes.

afro-brasileira em seus diferentes aspectos. A descrição dinâmica das atividades do Clube potencializa o desenvolvimento da capacidade de observação intuitiva. Nesse sentido a observação dos estudantes e seus relatos no Diário de Bordo têm um significado muito importante, pois o registro configura em grande acervo de informações sobre as práticas educativas que vêm sendo desenvolvidas e o quanto elas corroboram para a construção, popularização e valorização da identidade da cultura afro-brasileira.

Nesta seção, irei analisar o Diário de Bordo de estudantes pesquisadores, que participam de projetos do Clube de História, entre 2016 e 2017. Os estudantes, divididos em duplas, desenvolveram 3 projetos. Nas descrições serão identificados como estudante 1, estudante 2 e assim sucessivamente.

Diário de bordo, ESTUDANTE 1:

A estudante 1 iniciou sua participação no Clube de História em 2016, se define como sendo uma “menina quieta”, tímida e que, ao longo da sua trajetória na Educação Básica, sempre ocupou lugar de destaque na classe das diferentes escolas públicas que frequentou. Como premiação já ganhou medalhas que serviram para parabenizá-la por ter um rendimento escolar satisfatório.

No registro da estudante é preciso destacar uma característica comum aos estudantes que participam do Clube, são alunos com um bom histórico escolar. Mas, em alguns casos, possuem dificuldades para se posicionarem criticamente, fazendo análises mais pontuais da realidade na qual estão inseridos. A Estudante 1, sempre teve uma postura introspectiva, em entrevista com a mãe da estudante, ela afirmou: “Essa menina era o tempo todo no quarto ou assistindo televisão, hoje ela reduziu bastante, está usando mais o tempo para ler e escrever” (Mãe da Estudante 1).

O depoimento da mãe da Estudante 1 traz consigo a demonstração de que o Clube de História, como uma abordagem didática, teve êxito em suas ações, uma vez que despertou na estudante em questão, a vontade de buscar a leitura de uma forma prazerosa, não vinculada a uma obrigação da escola para pleitear uma nota. A partir dessa mudança de postura, construir saberes, no caso específico, sobre a cultura afro-brasileira, aproximando a teoria, a prática e a vivência dos estudantes foi fundamental para potencializar a aproximação da escola com o que é proposto na Lei 10.639/03 (BRASIL, 2003), sobre a cultura afro-brasileira.

A estudante escreveu em seu diário um breve histórico do seu contexto familiar: “Perdi meu pai com 4 anos, fui criada por minha mãe e meu avô, na zona rural da cidade de

Catu, até o momento que entrei no Clube de História minha principal ocupação era assistir TV”. A partir do que é exposto pela estudante, imaginamos um cenário que não se distancia da realidade da maior parte das crianças das escolas públicas da cidade de Catu, indivíduos com traumas familiares que, em sua grande parte, crescem em um ambiente familiar marcado por perdas. No caso aqui analisado, a estudante teve o pai violentamente assassinado, mais um negro na estatística, em uma sociedade que cria heróis brancos e silencia aqueles que emergem da periferia.

Dando continuidade à análise do Diário de Bordo, a estudante traz afirmações que caracterizam o seu pensamento em relação a sua personalidade e escolhas que a definem:

“Ainda não sei qual profissão irei seguir, mas minhas matérias favoritas são História e Geografia, não tenho uma religião definida, acredito em Deus, sou negra e isso me define. No Clube tenho o desejo de entender os caminhos que possibilitam a existência do racismo, o livro da escola não me traz a confiança necessária para entender essa importante questão que é o racismo”.

Nessa fala da estudante é importante entender o caminho que certamente é o ponto em comum entre os estudantes que optam por participar do Clube de História. A identificação com a matéria História é a primeira atração que vem imediatamente acompanhada por um desejo de entender, construir e discutir fatos que no livro didático são apresentados, muitas vezes, de forma superficial. Além disso, os estudantes possuem a maturidade de observar em qual realidade estão inseridos, problemas que são abordados muitas vezes de forma pontual nas escolas, pois na educação formal existe uma necessidade de se apresentarem estatísticas, tais como número de conteúdos trabalhados e o resultado ou nota alcançado pelos estudantes no boletim da unidade letiva, abandonando muitas vezes a reflexão que se faz necessário para entender problemas históricos, a exemplo do racismo que foi mencionado pela estudante. Ainda nessa fala é importante destacar a postura da aluna no que diz respeito à religião e a sua identidade cultural, ao se definir como negra e categoricamente afirma que não segue religião alguma. A estudante revela que mesmo vivenciando um contexto marcado pelo predomínio de cristãos e práticas racistas, tem confiança necessária para impor-se diante dos padrões que são impostos no Brasil, desde o período colonial. A estudante escreveu sobre a sua relação com o Clube de História:

“Participar do Clube é uma oportunidade para pesquisar e aprender sobre a história e a cultura afro-brasileira, a principal contribuição do Clube para mim está sendo o estímulo a leitura. Estudar pesquisando e investigando me fez

mais responsável, pois preciso dá um retorno para a sociedade, trazer para a discussão temas muitas vezes esquecidos. ”

Sem dúvida a oportunidade de pesquisar e construir conhecimentos ainda estando na Educação Básica é uma das grandes virtudes da abordagem didática por investigação que é explorada no Clube de História, aliada ao estímulo para leitura que está para além do visível, uma leitura investigativa e reveladora de cenários, muitas vezes vivenciados pelos estudantes, mas que a alienação midiática não os deixavam ver. Aqui cabe ressaltar também a responsabilidade da jovem pesquisadora em buscar um retorno para a sociedade, a popularização e divulgação dos conhecimentos e temas abordados no Clube de História é um fator de responsabilidade social, uma vez que a reflexão de temas que são propositalmente esquecidos e silenciados, precisa de uma ampla divulgação, pois são proposições de interesse público e que necessitam se fazer presentes nas discussões cotidianas das escolas e em todos os outros espaços educativos. Sobre o projeto de pesquisa a estudante afirmou:

“Meu projeto de pesquisa surgiu como fruto de um vazio que percebo no cotidiano, os Orixás e o Candomblé são sempre alvo de preconceitos, no entanto as obras de arte do artista catuense Ed Ribeiro¹⁵, tem como tema principal os Orixás e o Candomblé e são bem aceitas em diferentes partes do mundo. Porém essa arte e o próprio artista passam despercebidos nas escolas da própria cidade de Catu. Então pensei em investigar uma produção artística conceituada e valorizada internacionalmente (as obras de Ed Ribeiro) e aproxima-la da escola, a ideia sempre foi ampliar a relação da escola com o que acontece em seu entorno, com a finalidade de romper preconceitos, valorizar e empoderar a cultura afro-brasileira e suas representatividades. ”

É importante refletir a partir da postura da estudante que o seu problema inicial é o distanciamento da escola com a cultura da comunidade na qual está inserida, o muro da escola, muitas vezes, traz consigo uma barreira que impossibilita os docentes perceberem o quanto é enriquecedor propor a construção de novas aprendizagens observando como referência o contexto local, o que está próximo dos estudantes e conseqüentemente, irá favorecer uma aprendizagem significativa. Desse modo, a proposta de pesquisa da estudante é capaz de inserir nas discussões da escola um tema visto como tabu, a partir de um olhar interdisciplinar, provocativo e sensível, presente nas obras de arte do artista Ed Ribeiro.

¹⁵ Ed Ribeiro é um artista plástico, reconhecido internacionalmente como o pintor dos Orixás. Em sua obra destaca-se o fato de não usar pincel, apenas derramar tintas sobre a tela e criar formas. Disponível em: <http://www.edribeiro.com.br/>.

Sobre a avaliação do Clube de História a estudante traz um relato que revela o tamanho das dificuldades existentes na educação pública:

“Avalio o Clube de forma positiva, mas falta tempo para nos encontrarmos presencialmente em reuniões, as reuniões não são frequentes e também não temos um espaço adequado para desenvolvermos nossas atividades de pesquisa, mas mesmo com as dificuldades enfrentadas o projeto ampliou o meu interesse por História, principalmente no que se refere a valorização da cultura afro-brasileira. Para mim ser negra é um motivo de orgulho, representa resistência, luta e vontade de vencer os preconceitos”.

Através do registro da Estudante 1, é evidente que o projeto de intervenção Clube de História não acontece nas condições ideais, falta uma política pública que valorize e incentive os grupos de pesquisa na Educação Básica. Dessa forma, a não existência de um local específico para reuniões e a carga horária de aulas do professor, faz do projeto um elemento de resistência, pois mesmo em condições adversas continua propondo uma abordagem didática investigativa e vem galgando bons resultados. A exemplo do que foi colocado pela Estudante 1, ter alunos interessados pela disciplina História é um motivo de felicidade, uma vez que os indivíduos que se preocupam em entender, discutir e refletir a luz dos fatos históricos, potencializam as perspectivas de termos uma sociedade mais equilibrada e socialmente mais justa.

Um dos objetivos do projeto, aqui, relatado é valorizar e popularizar a pesquisa sobre a cultura afro-brasileira e é possível identificar nas palavras proferidas pela estudante, um orgulho presente no fato de ser negra e uma motivação especial em buscar, através da sua pesquisa, lutar pela ampliação dos direitos da cultura afro-brasileira. Considerando que a estudante aqui mencionada está no Ensino Médio regular da Educação Básica é possível afirmar que a curto prazo, o projeto já traz resultados significativos e, através do relato da estudante é possível ter esperanças de que ao longo da sua caminhada, como cidadã, e até mesmo na sua trajetória acadêmica, a temática da cultura afro-brasileira se fará presente através dos conhecimentos por ela [re]construídos. Sobre a sua participação na Feira de Ciências e Empreendedorismo da Bahia, a aluna afirmou:

“Para mim, participar da Feira de Ciências e Empreendedorismo da Bahia, FECIBA, foi um aprendizado novo e inesquecível, melhorei o meu desempenho para falar, consegui superar a timidez e trazer para a sociedade um projeto muito importante, além disso me senti valorizada, em meio a

tantos projetos que foram submetidos, o meu foi um dos finalistas, foi um prêmio para mim. ”

A partir do relato da estudante é possível mensurar como o Clube de História obteve êxito em suas ações, como projeto de intervenção que potencializa o envolvimento dos alunos em um movimento de qualificação da educação pública, a partir do protagonismo dos estudantes, como investigadores e atores, na transformação da realidade na qual estão geograficamente e historicamente inseridos.

Diário de bordo, ESTUDANTE 2:

No segundo diário, por mim analisado, chama a atenção para o destaque que o estudante trouxe para um momento de formação, no qual participou juntamente com outros membros do Clube de História. A formação, em questão, diz respeito a um seminário promovido pela Secretaria de Educação do Estado da Bahia, que teve como principal objetivo socializar práticas bem-sucedidas de abordagem de ensino por investigação, no contexto das escolas pertencentes ao Núcleo Territorial 18. Na oportunidade levei os participantes do Clube de História para que pudessem expor as suas experiências, como estudantes pesquisadores. Diante da experiência vivenciada nessa formação, o Estudante 2 disse:

“O grupo de História foi apresentar os seus projetos na cidade de Alagoinhas junto com o professor Delmaci, falamos da importância do clube para nós, na condição de alunos e para a sociedade. Foi um momento gratificante, todos estavam ali para ouvir o nosso relato, por um momento não éramos apenas alunos, éramos também professores e todos ficaram entusiasmados com o que falávamos, foi um momento que me marcou”.

O momento abordado pelo estudante, como sendo inesquecível, foi da mesma forma marcante para mim, uma vez que os estudantes demonstraram naquele seminário o quanto é importante provocar os discentes para que saíam da condição passiva de ouvintes e possam interagir como expositores de ideias e conhecimentos, mesmo com um público de professores, foi gratificante perceber a desenvoltura dos jovens pesquisadores que falaram com segurança, pois não estavam reproduzindo conceitos, mas refletindo a partir de leituras e conhecimentos, ao longo do trabalho de pesquisa por ele desenvolvidos no Clube de História.

O Estudante 2¹⁶ se define como sendo jovem, participativo na escola e tem o sonho de se tornar num futuro próximo um Engenheiro Civil. Sobre o seu contexto familiar, o jovem descreveu-se da seguinte forma:

“Minha família é uma família muito humilde, embora seja um jovem dividido em relação a família, pois meus pais são separados, mas isso não me impede de ser feliz com minha família. Desde a minha infância que moro com a minha avó e minha tia, são pessoa ótimas, dou graças a Deus por ter elas na minha vida, são elas que me ajudam quando eu preciso, estão presentes em todos os momentos. Já a família por parte de pai, a convivência é menor, mas eles gostam de me ter por perto Agradeço a Deus por todos meus familiares. ”

As características da família descrita se aproximam muito do perfil de muitas famílias que constituem a escola pública, mas o estudante em questão mesmo vivenciando problemas familiares se mostra convicto do seu potencial e tem o seu objetivo profissional definido, ser Engenheiro Civil. Mesmo sabendo dos diferentes problemas existentes na escola pública, o Estudante 2 encontra no Clube de História a oportunidade de amadurecer o desejo de cursar Ensino Superior, uma vez que o Clube estimula a pesquisa, a leitura e a possibilita de o estudante refletir sobre a importância da educação e da formação acadêmica como meio de transformação social.

Entre os registros do estudante em seu Diário de Bordo, chama a atenção quando menciona sobre o tema religião, uma vez que seu projeto de pesquisa traz como problema o preconceito existente nas escolas, no que diz respeito as religiões de matriz africana, especificamente o Candomblé. O Estudante 2 afirmou que:

“A minha família por parte de pai são todos evangélicos e ainda menino eu fui vendo com era bom ser evangélico. Daí surgiu a primeira oportunidade de ser crente, aí eu fui lá e agarrei essa oportunidade e desse tempo até aqui venho a cada dia mais crescendo com Deus. São exatamente 7 anos de evangelho e pretendo continuar. Meu pai tem sido um grande exemplo para mim, mesmo de longe admiro como ele faz a obra de Deus. Interessante é que mesmo sendo evangélico eu percebo que no cotidiano da escola sempre existe piadas preconceituosas relacionadas com o Candomblé. Certo dia o professor Delmaci, chamou a atenção da turma para uma questão interessante, muitos irmãos evangélicos vão até a escola para ministrar a palavra de Deus para nós estudantes, e um pai foi até a escola reclamar sobre esta situação e o professor nos fez refletir sobre essa atitude. Depois de um longo e acirrado debate chegamos à conclusão de que sendo o estado laico todos podem ir até a escola falar sobre a sua prática religiosa, mas a reação dos colegas de classe sobre uma possível visita de um pai de santo foi: ‘Deus é mais!’ ‘Está repreendido!’ A partir desse momento pensei o quanto seria interessante propor uma pesquisa para refletir sobre a liberdade de escolha religiosa e como o respeito deve ser visto como centro das nossas decisões e postura. ”

¹⁶ Estudante do Colégio Estadual Maria Isabel de Melo Góes, cursa o 2º ano do ensino médio regular.

A abordagem do Estudante 2 revela um jovem de apenas 15 anos, mas que sabe bem a diferença entre respeito e fanatismo. Mesmo sendo doutrinado em uma educação protestante e evangélica, o estudante sabe da importância que é haver respeito entre as diferentes práticas religiosas. O projeto que surge da identificação de um problema que faz parte do cotidiano e traz a possibilidade de refletir sobre as ações que corriqueiramente acontecem na escola e, muitas vezes, não são devidamente discutidas por estudantes e professores. A pesquisa por ele realizada teve uma forte conotação social, pois seu ponto de partida foi o problema vivenciado, a falta de respeito e os preconceitos arraigados na sua comunidade.

Quando ocorrem os projetos na escola e a temática da cultura afro-brasileira é colocada em pauta, os docentes acabam esquivando-se do tema religião, de fato é um tabu que se propaga e se faz necessário combater, haja vista que em diferentes partes do mundo a intolerância religiosa é a causa de guerras e conflitos em que se perde a noção de que se trata de seres humanos, indivíduos com diferentes culturas, hábitos e costumes, tradições e histórias, mas com algo em comum, todos somos seres Humanos.

Prosseguindo com a reflexão sobre a compreensão de como vem sendo apresentada a cultura afro-brasileira no espaço escolar, o Estudante 2 escreveu:

“Sabemos que o nosso Brasil cada dia mais está ficando pior em relação a cultura africana ou afro-brasileira. O sofrimento com a indiferença e a discriminação da nossa cultura e cor, são cada vez maiores e é necessário combater as diferentes formas de intolerância, falar de cultura afro-brasileira no espaço escolar é uma necessidade e exercício da cidadania. A partir do projeto de pesquisa foi possível desenvolver na escola rodas de conversas e palestras, ações que estão contribuindo para que tenhamos na escola a discussão de conceitos e o combate aos preconceitos”.

Sempre que tenho a oportunidade de falar sobre o Clube de História, a questão mais recorrente que é feita, diz respeito à motivação do estudante para participar do grupo de pesquisa, um estudante que é estigmatizado como desinteressado, passa a pesquisar, ler e propor temas para discussão. Diante do exposto, afirmo que o interesse do estudante sempre esteve presente, porém a proposta de conteúdos proporcionados pela escola em sala de aula distancia o estudante do objeto de estudo. Na fala do Estudante 2, é possível perceber o quanto ele tem orgulho de falar da cultura afro-brasileira, que é uma necessidade e também um exercício de cidadania. Seguindo e respondendo à essa questão relativa ao interesse dos estudantes em participar do Clube de História, o Estudante 2 segue pontuando:

“Meu objetivo no Clube de História é aprender mais, entender sobre a História, os fatos históricos dos lugares e principalmente do lugar que eu moro, a cidade de Catu. Minha intenção não é simplesmente participar para poder viajar e conhecer novos lugares, claro que viajar é bom, assim como é importante ter acesso a novas paisagens e espaços. Porém acredito que a aprendizagem e o contato com a pesquisa estão sendo os elementos que mais me fazem querer permanecer no Clube de História. Iniciei a pesquisa em 2017, buscando entender mais sobre os conceitos de raça e etnia, hoje já apresentei em feira de Iniciação Científica, uma sensação indescritível. Um outro momento que me marcou foi a participação na Feira Literária de Cachoeira, a Flica 2017. A cidade de Cachoeira respira História e fiquei ainda mais envolvido com o tema que estudo, sair da escola e vivenciar na prática a pesquisa e a construção do conhecimento, me fez ficar ainda mais motivado. Na Flica visitamos vários espaços educativos e aprendemos ainda mais sobre a cultura afro-brasileira”.

A partir do relato fica evidente que é possível desenvolver ações que corroboram para que tenhamos uma educação pública de qualidade. O estudante traz, em seu Diário de Bordo, elementos que revelam a sua motivação em fazer parte do projeto, e a importância da aprendizagem que se desenvolve para além dos muros da escola. Contudo, cabe aqui destacar as dificuldades para concretizar atividades de visitas em outros espaços educativos. São inúmeras as dificuldades para que haja a liberação de transporte, mesmo apresentando o projeto e a proposta das atividades, sempre esbarramos com a burocracia que emperra ou tentam, sem êxito, nos fazer desistir. O interesse e o envolvimento dos estudantes funcionam como combustíveis para que haja a continuidade das propostas e o enfrentamento das dificuldades.

Diário de bordo, ESTUDANTE 3:

A análise do próximo diário vem acompanhada de uma reflexão sobre os padrões estéticos que são impostos pela mídia e de que forma pode existir na escola um enfrentamento desses padrões eurocêntricos. Nesse contexto, a estudante afirmou:

“Nossa sociedade está mudando cada vez mais e para melhor, mas ainda encontramos vestígios da ignorância de tempos muito remotos, um preconceito que se referêcia na ignorância e apenas nisso. A discriminação racial já é considerada crime, e mesmo assim existem pessoas que são racistas. Nesse cenário a beleza negra e sua representatividade, seja através do cabelo crespo ou das roupas, devem ser respeitadas, preservar as origens e tradições é uma necessidade que está além da ideia passageira de moda”.

O projeto pesquisado pela Estudante 3, tem como tema “Beleza negra: valorização e identidade da cultura afro-brasileira no espaço escolar”. A proposta da estudante parte

da reflexão de que é possível encontrar sinais de mudanças em diversos aspectos da sociedade, porém a ignorância histórica faz da discriminação racial um tema presente e constantemente surgem novos relatos de desrespeito que estão relacionados à estética, optar por manter os cabelos naturais e se opor aos tratamentos químicos que visam “alisar” o cabelo e conceituá-lo como sendo “bom”, pode despertar a ira de uma sociedade, que é constantemente catequizada e engessada, a partir de modelos que não representam a diversidade cultural que constitui o Brasil.

Com o intuito de discutir a necessidade de abordar a temática diversidade social no contexto escolar, as estudantes do projeto “Beleza negra: valorização e identidade da cultura afro-brasileira no espaço escolar” fizeram entrevistas com discentes que buscam se vestir e manter o cabelo como símbolos de resistência cultural. Uma das entrevistadas disse:

“Adotar o cabelo natural, é uma ideia que veio de mim mesmo, eu me encontrei de verdade, vejo como um símbolo de resistência. Muitas pessoas me questionaram, disseram ser loucura deixar o cabelo natural. ”

Na fala da estudante podemos perceber o quanto é difícil ir de encontro com o padrão, a ideia do que é feio ou bonito, bom ou ruim é legitimado através dos meios de comunicação e, as pessoas crescem reproduzindo ideias sem a devida reflexão. No entanto a resistência cultural aparece como elemento que referencia a tomada de decisão de um grupo ainda restrito, mas que vem tornando-se cada vez mais atuante. Na cidade de Catu, o coletivo empoderamento cresco, que dialoga com a proposta do projeto aqui analisado, vem ampliando a discussão nas escolas e propondo reflexões sobre a representatividade da identidade negra a partir do cabelo crespo, afastando-se das técnicas artificiais e fortalecendo a proposta de valorização das raízes culturais. Ou seja, é importante que haja o debate e não fiquemos limitados a propagar “modas”, tendências que nada acrescentam para o fortalecimento do movimento negro e da cultura afro-brasileira.

Sobre a sua participação no Clube de História e envolvimento com a abordagem didática por investigação a Estudante 3 afirmou:

“Minha motivação para participar no Clube de História é construir conhecimentos na área de ciências humanas e poder despertar no espaço da escola a reflexão sobre temas que não são colocados em destaque nos livros didáticos, para mim estudar a partir da pesquisa é o que faltava para que pudesse encontrar o interesse pelos estudos, descobrir e buscar novas leituras para novas reflexões é muito bom. ”

A afirmação da estudante chama a atenção para a necessidade de os educadores terem sensibilidade para propor a análise de temas que estão gritando no cotidiano e que, muitas vezes, passam despercebidos por não estarem nos livros didáticos. Estudar, assim como todas as atividades do cotidiano precisam ser estimuladas por desafios. Infelizmente existe a predominância de uma cultura da supervalorização das estatísticas e das notas, deixando para trás as habilidades da escrita e interpretação que estão associadas ao processo contínuo de construção de conhecimentos, que não pode limitar-se a aplicação de uma “prova”.

A Estudante 3 fez uma síntese de como foi a sua passagem pelo Clube de História, pontuando a importância do seu projeto de pesquisa e como o professor coordenador do Clube contribuiu ao longo do processo de desenvolvimento da pesquisa.

O projeto que participei trouxe uma inquietação para a comunidade escolar, pois mesmo após a Lei 10.639/03, só falávamos da cultura afro-brasileira no dia da consciência negra, a ideia é que tínhamos uma obrigação de mencionar o assunto em um único dia do ano, o Clube de História, nos provocou para a necessidade constante de discutir a cultura afro-brasileira, que é a nossa cultura e passamos a perceber as discriminações do nosso lado na própria escola. São muitas as piadas que buscam minimizar a importância da cultura afro-brasileira, percebi que alguns colegas que passaram a manter o cabelo crespo eram constantemente desrespeitados e hoje após as discussões, levantamento de dados, palestras e apresentação dos projetos em feiras estaduais e nacionais é possível perceber que houve uma mudança significativa de postura. Nesse processo de intervenção posso afirmar que o professor Delmaci Ribeiro, trouxe uma grande contribuição para a escola Maria Isabel, hoje somos mais atuantes, mas ainda sentimos a falta de um espaço no qual o Clube possa desenvolver melhor as suas atividades de pesquisa.

É importante ressaltar a percepção da estudante no que diz respeito à necessidade de identificar o que acontece no cotidiano da escola, situações que carregam diferentes significados e simbologias, representações de uma sociedade ainda escravocrata, uma escravidão silenciosa, presente em ações e reações, transmitidas de geração a geração, muitas vezes, sem ter questionamentos e muito menos intervenções. Dessa forma, o Clube de História vem trazendo uma pequena, mas significativa contribuição para que a comunidade escolar possa refletir sobre a importância da pesquisa e popularização da cultura afro-brasileira por estudantes da educação básica.

Diário de bordo, ESTUDANTE 4:

O próximo relato traz uma reflexão sobre a participação dos estudantes do Clube em eventos de Iniciação Científica, no que diz respeito à valorização da aprendizagem,

construída ao longo da pesquisa, à exposição dos projetos e à sensação de ter o trabalho reconhecido e premiado para feiras de dimensão nacional.

A Estudante 4 descreveu a sua participação na 6ª edição da Feira de Ciências e Empreendedorismo da Bahia, pontuando as experiências que foram vivenciadas, nos dias de exposição no evento:

“A minha participação na 6ª edição da Feira de Ciências e Empreendedorismo da Bahia, teve como ponto de partida a análise de relatos dos estudantes que estavam até então sofrendo discriminação por conta de assumir seus cabelos crespos. A partir daí percebemos a necessidade de debatermos a Lei 10.639/03, trazendo para o espaço escolar atividades que pudessem valorizar a cultura afro-brasileira. Foi muito bom falar sobre esse tema, por que a crença religiosa, a cor da pele, o modo de se vestir, o cabelo crespo são alvos da intolerância, muitas vezes disfarçada. Participar da Feira de Ciências foi um prêmio, tive a sensação de que ser alguém importante, que todos paravam para ouvir. Fiquei ansiosa na expectativa de ter o projeto premiado, mas não foi dessa vez, bateu a tristeza, até chorei, mas percebi que havia conquistado muitas coisas que assim como a premiação são também importantes.”

É interessante perceber o quanto os estudantes amadurecem durante o desenvolvimento das pesquisas, o crescimento da capacidade de refletir e se posicionarem é algo que fica evidente. No entanto, adolescentes que se frustram com a ausência dos pódios, mesmo existindo uma preparação para a observação de que as conquistas não se resumem aos prêmios, os estudantes se decepcionam ao não serem anunciados como vencedores da categoria na qual estão expondo. A falta de reconhecimento em termos de premiação foi uma constante nos projetos desenvolvidos no Clube de História até que na 7ª edição da FECIBA, ocorrida em 2018. O projeto *Descolonizando narrativas eurocêntricas no espaço escolar* ficou em segundo lugar e ganhou credencial para se apresentar em uma feira internacional. Uma sensação de emoção que a estudante 5 descreveu de forma emocionada:

“O nosso credenciamento para participar da feira em outro estado foi emocionante, pela primeira vez conseguimos ser premiados. Já havíamos participados de outras edições, recebemos elogios, mas não tínhamos recebido prêmios. Na solenidade de premiação, como de costume estávamos todos reunidos (os estudantes do Clube de História e o professor Delmaci) ficamos aflitos, uma sensação de medo, frio na barriga e ao mesmo tempo desânimo, pois sempre não conseguíamos o prêmio, o professor sempre nos anima dizendo que a participação em um grande evento já é um prêmio significativo, mas sempre ficamos na esperança de sermos anunciados como vencedores e em meio as diferentes emoções vimos o nosso nome ser anunciado no telão, choramos e naquele momento nos enchemos de orgulho, estávamos representado o nosso Clube de História, a nossa escola e a nossa cidade. O nosso projeto *Descolonizando narrativas eurocêntricas no espaço escolar*, foi premiado e vamos para o Rio Grande do Sul, levar reflexões sobre

cultura Afro-brasileira, a motivação para seguir produzindo aumentou significativamente, o nosso desempenho possibilitou novas oportunidades.”

A narrativa da estudante 5 é emocionante e me faz ter ainda mais certeza de que projetos de intervenção, que possibilitem a abordagem didática investigativa e as práticas de investigação conseguem transformar a frustração, com o sistema público de ensino, em esperança de termos nos diferentes espaços educativos a construção de conhecimentos e reflexões sobre o cotidiano, muitas vezes negligenciado.

Na próxima seção, apresentarei em linhas gerais a análise dos projetos desenvolvidos pelos estudantes no Clube de História, observando como ponto de partida os problemas que são identificados nos diferentes espaços de convivência dos estudantes.

4.2 ANÁLISE DOS PROJETOS: RELATÓRIO E PÔSTERES

Nos anexos, do presente relatório, apresento os planos de pesquisa de cada projeto, o pôster de apresentação e um resumo das propostas pesquisadas por estudantes no contexto do projeto “Clube de História: estudo e pesquisa da História e da cultura afro-brasileira por estudantes da Educação Básica”.

Todos os temas de pesquisa foram sugestões dos estudantes, inquietações que partiram da convivência desses indivíduos em suas comunidades, bairros periféricos e distritos da cidade de Catu. Após identificar um problema da comunidade na qual o estudante está inserido(a), a metodologia de pesquisa é apresentada para todos os integrantes do Clube de História, seguindo os passos listados abaixo:

- 4.2.1 Realização do plano de pesquisa;
- 4.2.2 Revisão bibliográfica;
- 4.2.3 Encontros semanais para fazer leituras e discutir conceitos relacionados às pesquisas dos estudantes;
- 4.2.4 Confecção de textos: resumos, fichamentos, redações e pequenos artigos;
- 4.2.5 Apresentação dos temas de pesquisa e resultados parciais na escola para estudantes que não participam do Clube de História;
- 4.2.6 Submissão dos projetos e posterior apresentação com banners em Feiras de Iniciação Científica Júnior.

Temas de projetos que foram abordados no Clube de História no ano de 2016 e 2017:

Projeto 1 – O Candomblé no Espaço Escolar, Preconceitos e Tabus.

Projeto 2 – A lei 10.639 no currículo das escolas da cidade de Catu.

Projeto 3 – Beleza negra: valorização e identidade da cultura afro-brasileira, no espaço escolar.

A discussão da realidade vivenciada pelos estudantes da Educação Básica em seu cotidiano é o fator em comum dos projetos. Entender a realidade de preconceitos e discriminações e propor uma postura de enfrentamento dessas realidades, de forma crítica, é a possibilidade efetiva de despertar no estudante o interesse pela disciplina História, uma vez que se tem a noção dos significados e correlações do que se pretende discutir em sala de aula e as suas relações com o cotidiano vivenciado por meninos e meninas negros(as) dos diferentes bairros periféricos e zona rural da cidade de Catu. Uma aprendizagem significativa que valoriza os conhecimentos prévios dos estudantes e que não ficará restrita à sala de aula, visto que os estudantes participam de exposições, oficinas e palestras em outras unidades de ensino, além de levar novos saberes à sua comunidade, favorecendo o fortalecimento da cidadania.

O problema identificado no projeto 1, provavelmente está presente em diversas escolas e em outros espaços sociais, entender que existe um problema relacionado com a intolerância religiosa, por si só já é relevante. Mas, no momento em que o estudante tem uma motivação para se debruçar sobre o tema com o intuito de aprender, construir conhecimento e buscar minimizar este problema na sua escola e, conseqüentemente, na sua comunidade, é um ganho imensurável.

Novas habilidades são desenvolvidas, conversando com os professores das diferentes áreas do conhecimento, os mesmos elogiaram a melhora significativa apresentada pelos estudantes que participam do Clube de História. Não me refiro no aumento quantitativo das notas, mas principalmente no rendimento dos estudantes que passaram a ter melhor desenvoltura nas apresentações de seminários, além de elevar substancialmente as análises, a criticidade e a interpretação.

O fato de entender o quanto é importante o processo de ensino e aprendizagem, em uma perspectiva de construção de conhecimentos e não simplesmente decorar para aferição em provas tradicionais, os estudantes passaram a ter um relação de prazer com o ato de ler, deixando de ser uma obrigação a ser cumprida para a escola. Uma escola que através de um sistema de notas, mensura quantitativamente o rendimento escolar de indivíduos cada vez mais robotizados, rotulados como desinteressados, mas que, muitas vezes, não conseguem construir

conhecimento por não encontrarem conexão entre os livros didáticos, a sala de aula e o seu cotidiano.

Para exemplificar esta situação trago abaixo alguns relatos, dos estudantes, coletados no próprio diário de bordo, uma vez que a cada etapa concluída no Clube, os estudantes são convidados para escrever suas aprendizagens e perspectivas, uma avaliação que vai ao encontro dos aspectos positivos que vêm sendo conquistados, através do projeto de intervenção, mas, sobretudo identificar o que precisa ser aperfeiçoado, em relação à aprendizagem.

Sobre a participação no Clube de História e o desenvolvimento de pesquisa relacionada com a temática intolerância religiosa uma das estudantes afirmou que:

“A Importância de trabalharmos e discutirmos esse projeto fez com que olhássemos ao nosso redor e percebêssemos que o ambiente escolar precisa estar aberto para novas discussões, busca de mais conhecimento e é necessária a realização de projetos que fortaleçam ações afirmativas, como o Clube de História. Buscaremos aprofundar os estudos sobre a cultura afro-brasileira e ampliar a atuação do Clube de História, para além do Colégio Estadual Maria Isabel de Melo Góes.”¹⁷

O projeto 2, “A Lei 10.639 no currículo das escolas da cidade de Catu”, trouxe para os estudantes um amadurecimento político muito interessante. Durante as entrevistas os discentes puderam constatar que a fala de professores, estudantes e Secretarias de Educação não caminhavam em um mesmo sentido, ou seja, diante dos mesmos questionamentos predominou a contradição. O questionário teve como objetivo entender de que forma a lei 10.639/2003 vem sendo aplicada na cidade de Catu. O exercício da entrevista e da análise das respectivas respostas fez com que os discentes se tornassem mais atentos no momento de ouvir notícias e interpretá-las como verdades ou mentiras. Quando questionados sobre os objetivos a serem alcançados com o projeto de pesquisa, um dos estudantes respondeu:

“A partir dessa pesquisa queremos sinalizar um problema, que é a falta de sensibilidade da comunidade escolar, para identificar no seu cotidiano situações que podem ser discutidas para termos uma educação que seja capaz de contribuir para uma sociedade cada vez melhor. Com base nos resultados iremos propor juntamente com a direção, professores e estudantes a ampliação do Clube de História para desenvolver na escola projetos que possam contribuir para que tenhamos a valorização da identidade dos diferentes grupos étnicos que compõe a população brasileira”.¹⁸

¹⁷ Depoimento de estudante que participa do Clube de História e fez uma pesquisa sobre O Candomblé no Espaço Escolar, Preconceitos e Tabus.

¹⁸ Depoimento de estudante que participa do Clube de História e fez uma pesquisa sobre A lei 10.639/2003 no currículo da escolas da cidade de Catu.

Beleza negra: valorização e identidade da cultura afro-brasileira, no espaço escolar foi o projeto 3. Na escola tem um grupo de meninas que adota o cabelo crespo e outro grupo que recorre às técnicas estéticas para ter um cabelo “liso.” Esse projeto trouxe para a discussão a necessidade da valorização da identidade e da cultura negra, inicialmente no espaço escolar. Ou seja, o que possivelmente já tinha um caráter natural para muitos estudantes, foi apresentado como um problema de pesquisa. Por que as meninas negras do Colégio Estadual Maria Isabel de Melo Góes têm como referência de beleza um padrão eurocêntrico? Esse questionamento resultou em um projeto de pesquisa e já é possível perceber que houve um aumento do número de meninas que adotaram seus cabelos cacheados e crespos e, abandonaram o padrão estético do cabelo liso. Na cidade de Catu surgiu um grupo de mulheres intitulado Empoderamento Crespo e o conhecimento, inicialmente, debatido no contexto escolar é percebido e vivenciado para além dos muros da escola.

Os projetos, aqui, mencionados iniciaram uma mudança de postura no Colégio Estadual Maria Isabel de Melo Góes. Em 2016 e 2017, as pesquisas dos estudantes foram compartilhadas na escola em reuniões e rodas de conversas, mas ainda faltava um envolvimento maior de estudantes e professores. Dessa forma, na jornada pedagógica de 2018 foi organizado o projeto “Cultura afro-brasileira no espaço escolar: descolonizando narrativas eurocêntricas e construindo saberes.”

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aqui, descrevo os aspectos que corroboraram para a legitimação da proposta do Clube de História, sua continuidade a partir do projeto “Cultura afro-brasileira no espaço escolar: descolonizando narrativas eurocêntricas e construindo saberes” e as dificuldades que se fizeram presentes no decorrer da intervenção do grupo de estudos. Iniciei, pontuando as adversidades, que foram inúmeras, não tínhamos um espaço definido como nosso para realizar as reuniões. A cada reunião estávamos sempre em busca de um espaço, esse aspecto físico refletiu na ausência de computadores, impressoras e outros diferentes recursos que poderiam fazer das pesquisas propostas mais relevantes.

O contratempo para reunir os estudantes em um turno oposto ao do estudo regular retrata os embaraços de ser professor e pesquisador na rede pública estadual, uma vez que os horários das reuniões precisavam ser constantemente ajustados. Diante dos problemas surgiu a necessidade de buscar envolver mais estudantes e evitar a evasão. Desde o início da proposta do projeto de intervenção Clube de História, foi possível observar de que forma o grupo de estudos, por mim descrito, podia envolver o maior número possível de estudantes em um processo contínuo de aprendizagem e reflexões relativas à cultura afro-brasileira, mas que concomitantemente fomentasse o desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita dos estudantes.

Fazendo uso do conceito de avaliação, usando como referência a definição abordada por Libâneo(1994)¹⁹ é possível observar que houve significativamente uma melhora qualitativa no desempenho dos estudantes, que estiveram participando ativamente do projeto de intervenção. O diagnóstico inicial ocorreu nos primeiros encontros do Clube de História, em conversas informais com os estudantes, foi possível perceber o quanto estavam inseguros para falar, além de identificar um desinteresse pela leitura. Constatou-se, então, a melhoria do desempenho, aqui citado, a partir da metodologia de observação que foi utilizada. No primeiro ano de realização do projeto, os estudantes tiveram dificuldades para identificar problemas e fazer reflexões, a partir do objeto de estudo. Nesse contexto, participamos de duas feiras de Iniciação Científica, a Feira de Ciências das Escolas Estaduais de Catu e a Feira de Ciências e Empreendedorismo da Bahia, nos dois eventos citados no ano de 2016, a desenvoltura dos estudantes foi marcada por nervosismo e insegurança.

¹⁹ Segundo Libâneo (1994, p. 196) “[...] a avaliação é uma apreciação qualitativa sobre dados relevantes do processo de ensino e aprendizagem que auxilia o professor a tomar decisões sobre o seu trabalho”.

Ainda no ano de 2016, fizemos uma oficina na Escola Municipal Professor Raimundo Mata, o convite foi feito para discutir questões relacionadas à cultura afro-brasileira, durante as festividades da semana da Consciência Negra, na oportunidade os estudantes tiveram um desempenho satisfatório, estavam mais espontâneos e puderam trazer para a plateia de alunos do Fundamental II, importantes reflexões sobre a Lei 10.639/2003 no currículo das escolas da cidade de Catu, as questões relacionadas ao Candomblé no Espaço Escolar, Preconceitos e Tabus e a Beleza negra: valorização e identidade da cultura afro-brasileira, no espaço escolar.

Nas conversas informais e/ou nos registros do Diário de Bordo, bem como nas apresentações durante as Feiras de iniciação Científica, foi possível visualizar o quanto os estudantes se desenvolveram, no que diz respeito à articulação de ideias, a partir da leitura e escrita. No entanto, como já citei anteriormente, desde 2016, o grande desafio foi envolver um maior número de estudantes. Mesmo sendo uma proposta que se diferencia do ensino formal, é significativo o percentual de abandono. Uma das razões é a disponibilidade dos discentes e docentes para enfrentar o currículo formal, encontrar tempo e espaço para pesquisar é um desafio que está longe de ser superado na rede pública estadual da Bahia..

No entanto, mesmo com os enfrentamentos, existe a necessidade de aumentar a quantidade de estudantes pesquisadores, pois a ideia de estudar a cultura afro-brasileira, através da pesquisa e investigação protagonizada por estudantes da Educação Básica está diretamente relacionada com a ampliação da conscientização sobre a temática específica do projeto que é a Cultura Afro-brasileira.

Desse modo, como o projeto do Clube de História não contempla o currículo regular, um número reduzido de estudantes optavam por participar do Clube, o que limitava a sua atuação a um grupo de 10 estudantes e a escola, em sua imensa maioria, continuava à margem das discussões sobre a cultura afro-brasileira e não atendiam às atribuições previstas nas Leis 10.639/2003 e 11.645/2008. Diante desse “problema”, após 2 anos de atuação, como um projeto de intervenção que proporcionou a sensibilização da comunidade escolar para a necessidade de propor a discussão contínua sobre a cultura afro-brasileira, o grupo de estudos influenciou diretamente a criação do projeto interdisciplinar no Colégio Estadual Maria Isabel de Melo Góes, “Cultura afro-brasileira no espaço escolar: descolonizando narrativas e construindo saberes,” que possibilita ampliar, de forma contínua, as discussões sobre a cultura afro-brasileira no espaço escolar e envolve todos os estudantes.

O projeto que surgiu como um desdobramento das ações do Clube de História, iniciou as suas atividades no primeiro trimestre do ano letivo de 2018, com caráter interdisciplinar, os

estudantes foram envolvidos em oficinas de leitura, produção de textos, análise de documentários e participação em palestras. Os textos, documentários e palestras partiram de temas de um cenário local, a cidade de Catu e estimularam a reflexão e a produção sobre a cultura afro-brasileira. Em uma das palestras a professora mestra Cláudia Santos da Silva²⁰ comentou o comportamento dos estudantes sobre o candomblé:

“Vocês estão de parabéns, em todas as escolas na qual vou palestrar sobre a cultura afro-brasileira, ao mencionar o candomblé, enquanto religião, a reação intolerante dos alunos é imediata, muitos saem, outros dizem que está repreendido e aqui notei que vocês não tiveram essa reação.”

Em 2016, quando teve início o projeto de intervenção Clube de História, a resistência dos estudantes no que diz respeito à compreensão de temas relacionados à cultura afro-brasileira era evidente, após a dificuldade inicial, a fala da professora Cláudia Santos da Silva, revela o quanto o Clube de História contribuiu, de forma significativa, para estimular a conscientização sobre a cultura afro-brasileira, partindo da ideia de respeito e humanidade. Os estudantes conseguem se despir de preconceitos que estão presentes na família e se estendem para os demais espaços sociais, incluindo a escola.

Dessa forma, o Clube de História iniciou as suas ações com um grupo pequeno de estudantes, mesmo aberto para a participação de todos, em função do seu caráter não formal, a adesão sempre foi um problema. Avançou para uma ação interdisciplinar, envolvendo a totalidade dos estudantes do colégio Maria Isabel de Melo Góes e nas suas próximas ações irá envolver, de forma mais significativa, a comunidade escolar, priorizando como o centro das suas ações a família dos discentes. A intenção é potencializar a redução da intolerância e a presença da reflexão contínua e significativa sobre a cultura afro-brasileira.

Os resultados foram relevantes, uma vez que além de prêmios obtidos em Feiras de Iniciação Científica Júnior, os estudantes do Clube de História promoveram o início de uma reflexão necessária e contínua no espaço escolar. O combate à intolerância, a desmistificação da democracia racial, a valorização da identidade e a cultura afro-brasileira são elementos que passaram a fazer parte do projeto político e pedagógico da escola, não apenas o conteúdo que é superficialmente analisado no dia da “consciência negra”.

O projeto de intervenção alcançou seu objetivo e a abordagem didática do Clube de História, enquanto um ensino por investigação foi por duas vezes selecionada como metodologia de ensino destaque da rede pública estadual da Bahia. Um motivo de orgulho para

²⁰ Cláudia Santos da Silva é licenciada em História, pela Universidade do Estado da Bahia (1997); especialista em Ensino, Pesquisa e Extensão em Educação, pela UNEB (2000) e mestra em Cultura, Memória e Desenvolvimento Regional pela Universidade do Estado da Bahia (2010).

mim e todos os estudantes que, apesar das dificuldades, buscamos fazer do Clube de História um caminho para que a educação pública tenha melhor qualidade.

A proposta do Clube é promover a pesquisa para discutir a valorização e o reconhecimento da cultura negra nas suas diferentes representações, onde os estudantes serão os protagonistas e sujeitos do processo de ensino e aprendizagem, foi realizada com êxito. As dificuldades aqui relatadas representaram problemas para as ações do projeto de intervenção, mas não foram obstáculos que impossibilitaram a sua realização.

Após o planejamento, a formação e consolidação do grupo de estudos, foi gratificante testemunhar que os estudantes, membros do Clube de História, iniciaram uma inquietação de propor uma nova caminhada para o Clube, o surgimento de um projeto interdisciplinar que tem perspectiva de integrar o Projeto Político Pedagógico da escola, é o legado que o Clube de História deixa para o Maria Isabel de Melo Góes, além de evidenciar a capacidade e protagonismo dos estudantes como elementos que precisam ser insistentemente lembrados e incentivados.

O Grupo de Pesquisa formado por estudantes da Educação Básica teve como principal enfrentamento a adequação ao currículo vigente. Participar de um Grupo de Estudos exige disciplina e comprometimento, bem como é preciso ter sensibilidade para observar, para além das necessidades curriculares que são impostas com “grades,” intervir no processo de ensino e aprendizagem é o caminho que se faz necessário para que tenhamos um cenário favorável nas escolas públicas.

Em linhas gerais o projeto de intervenção apresentou para o Colégio Estadual Maria Isabel de Melo Góes, o quanto é importante mobilizar os estudantes para que tenhamos uma escola que não se limite à transmissão de conteúdos que reforçam um discurso elitizado e homogeneizador, cerceando direitos e reproduzindo a voz do colonizador em contraposição ao silenciamento da nossa cultura afro-brasileira.

É possível avançar e replicar a ideia do Clube de História, em outros espaços educativos, nesse sentido o projeto foi reconhecido e selecionado para ser divulgado para professores de todo o Brasil, durante o Missão Pedagógica no Parlamento no ano de 2017²¹. O programa Missão Pedagógica no Parlamento é um projeto da Câmara Legislativa Federal, ocorre anualmente e é voltado para professores, o principal objetivo do projeto é ministrar para

²¹ O Programa Missão Pedagógica no Parlamento é uma formação para educadores que acreditam ser a escola um espaço importante para a formação democrática cidadã democrática, trabalhando temáticas como cidadania, política, democracia e poder legislativo em suas escolas. Disponível em: <https://escolavirtualdecidadania.camara.leg.br/site/850/missao-pedagogica-no-parlamento/>.

professores de diferentes áreas do conhecimento um curso sobre a importância da Democracia, os docentes são selecionados a nível nacional, a partir de relatos de práticas pedagógicas que já são desenvolvidas e corroboram com o fortalecimento da Democracia. Cada Estado da Federação tem sempre 2 professores selecionados para a segunda etapa do curso que ocorre em Brasília.

A Missão Pedagógica no Parlamento demonstrou interesse pelo projeto, uma vez que percebeu o quanto o Clube de História, ao conceber o estudante enquanto pesquisador favorece a emancipação política e o exercício da cidadania, tendo como consequência o fortalecimento de uma educação para a democracia, mesmo em um cenário político brasileiro que não favorece o desenvolvimento de políticas educacionais democráticas.

O Clube de História também foi selecionado para a primeira edição do STEM TECH CAMP Brasil²². O programa STEM TECH CAMP Brasil, que reuniu práticas pedagógicas inovadoras em Ciências, Engenharia e Matemática de todo o Brasil, trouxe para o Clube de História o reconhecimento da sua aplicação, enquanto uma abordagem didática científica, na área das ciências humanas, que provoca o estudante para estudar, a partir de problemas, discutindo a realidade da sua comunidade e usando a pesquisa como um princípio educativo, em um movimento coletivo capaz de transformar e libertar.

²² O Programa STEM TechCamp BRASIL é uma iniciativa da Embaixada dos EUA no Brasil, em parceria com o Laboratório de Sistemas Integráveis Tecnológico (LSI-TEC) e apoio da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (Poli-USP) e do Grupo +Unidos. Este programa tem como objetivo estruturar uma rede de multiplicadores formada por gestores das Secretarias Estaduais de Educação e professores líderes de ações escolares em Ciências, Tecnologia, Engenharias e Matemática (STEM), com potencial e liderança para articular e aprimorar ações existentes e elaborar e implantar novas ações voltadas à aprendizagem ativa de STEM nas redes públicas de educação básica do Brasil. Disponível em: <https://febrace.org.br/stemtechcampbrasil/>.

REFERÊNCIAS

BAHIA. Assembleia Legislativa. **Lei 8.261 de 29 de maio de 2002**. Dispõe sobre o Estatuto do Magistério Público do Ensino Fundamental e Médio do Estado da Bahia e dá outras providências, 2002.

BARBOSA, Joaquim Gonçalves; BATISTA MARTINS, João. **Reflexões em torno da abordagem multirreferencial**. São Carlos: Editora da UFSCar, 1998.

BARCA, Isabelk. **O pensamento histórico dos jovens: idéias dos adolescentes acerca da provisoriedade da explicação histórica**. Braga: CEEP/Universidade do Minho, 2000.

_____. Ideias chaves para a Educação Histórica: uma busca de (inter)identidades. **História Regional**, Goiânia, v. 17, n. 1, p. 37-51, jan./jun. 2012.

_____; GAGO, Marília. Aprender a pensar em história: um estudo com alunos do 6º ano de escolaridade. **Revista Portuguesa de Educação**, 14(1), p. 239-261, 2001.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

BOAVENTURA, S. S. Meneses, M.P. **Epistemologias do Sul**. Coimbra. Almedina, 2009.

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 308-345

BRASIL. Lei nº. 10.639 de 09 de janeiro de 2003. Inclui a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira” no currículo oficial da rede de ensino. **Diário Oficial da União**, Brasília, 2003.

_____. Lei 11.645/08 de 10 de Março de 2008. **Diário Oficial da União**, Poder Executivo, Brasília.

_____. Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio: Ciências Humanas e suas tecnologias**. Brasília: MEC, 2006.

CARVALHO, A. M. P. Ensino e aprendizagem de ciências: referenciais teóricos e dados empíricos das sequências de ensino investigativas. In: LONGHINI, M.D. **O uno e o diverso na educação**. Uberlândia: EdUFU, 2011.

_____. O ensino de Ciências e a proposição de sequências de ensino investigativas. In: CARVALHO, A. M. P. (Org.). **Ensino de Ciências por investigação: condições para implementação em sala de aula**. São Paulo: Cengage Learning, 2013.

CERRI, L.F. Os objetivos do ensino de História. **Revista História & Ensino**. Londrina, v.5, p. 137-146, out, 1999.

CHASSOT, Attico Inacio. Alfabetização científica: uma possibilidade para a inclusão social. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, v. 23, n.22, p. 89-100, 2003.

CIAMPI, Helenice. **A História Pensada e Ensinada: da geração das certezas à geração das incertezas.** São Paulo: EDUC/FAPESP, 2000, p. 15.

_____. O processo do conhecimento/pesquisa no ensino de história. **História & Ensino: Revista do Laboratório de Ensino de História.** Londrina. Eduel. 2003

DEMO, P. **Educação e alfabetização científica.** Campinas: Papirus, 2010.

DO NASCIMENTO, Cláudio O. Costa; MACEDO, Roberto Sidnei. Prefiro ser uma metamorfose ambulante: um elogio ao pensamento pedagógico complexo na formação de professores. **Revista entreideias: educação, cultura e sociedade**, v. 10, n. 9, 2005.

DUARTE, R. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. **Caderno de Pesquisa**, n. 115, p. 139-154, março/2002.

FAGUNDES, Norma Carapiá; BURNHAM, Teresinha Fróes. Transdisciplinaridade, multirreferencialidade e currículo. **Revista entreideias: educação, cultura e sociedade**, v. 6, n. 5, 2007.

FAYARD, P. La sorpresa da Copérnico: el conocimiento gira alrededor del público. In **Alambique – didáctica de las Ciencias Experimentales**, p. 9-16. N° 21, Ano VI, julio, 1999.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini-dicionário da Língua Portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. 29. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro; Paz e Terra, 2005.

_____. **Educação como prática de liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GADOTTI, Moacir. **A questão da educação formal/não-formal**. Droit à l'éducation: solution à tous les problèmes sans solution? Institut International des droits de l'enfant, Sion, 2005.

GERMASNO, Marcelo Gomes; KULESZA, W. A. Popularização da ciência: uma revisão conceitual. **Caderno Brasileiro de Ensino de Física**, v. 24, n. 1, p. 7-25, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/fisica/article/view/1546/5617>. Acesso em: 17 jul. 2018.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Educação antirracista: caminhos abertos pela Lei Federal n. 10.639/03**. Brasília, DF: MEC/Secadi, 2005. p. 39-61.

_____. Relações Étnico-raciais, Educação e Descolonização dos Currículos. In: **Revista Currículo Sem Fronteira**, v.12, n.1, pp. 98-109, Jan/Abr 2012.

GOUBERT, Pierre. História Local. **Revista Arrabalde**s – Por uma História Democrática. Rio de Janeiro. N. 1, maio/ago, 1988.

GRAMSCI, Antônio. **A Concepção Dialética de História**. 4. ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Trad. de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 3. ed. Rio de Janeiro. DP&A, 1999.

_____. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais** / Tomaz Tadeu da Silva(org). Petrópolis - RJ: Vozes, 2000.

INFANTE, M^a José, SILVA, M^a. Susana e ALARCÃO, Isabel. Descrição e análise interpretativa de episódios de ensino: os casos como estratégia de supervisão reflexiva. In: ALARCÃO, Isabel. **Formação reflexiva de professores: estratégias de supervisão**. Porto, Portugal, Editora Porto, 1996.

KI-ZERBO, Joseph. “Introdução geral”. In: KI-ZERBO, Joseph (Org.). **História geral da África I** – metodologia e pré- história da África. Brasília: UNESCO, 2010, pp. XXXI-LVII.

LAKATOS, E.; MARCONI, M.. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 1992.

LE GOFF, J. **História e Memória**. Campinas: Unicamp, 1992.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. 13. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MOORE, Carlos. **A África que incomoda**. Sobre a problematização do legado africano no cotidiano brasileiro. Belo Horizonte: Nandyala, 2008. p 157-215.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

MUNANGA, Kabengele. Identidade, cidadania e democracia: algumas reflexões sobre os discursos antirracistas no Brasil. In: SPINK, Mary Jane Paris (Org.). **A cidadania em construção: uma reflexão transdisciplinar**. São Paulo: Cortez, 1994, p. 177-187.

_____. Racismo: esta luta é de todos. **Revista Raça Brasil**. Nº 50. 2000. Entrevista extraída do site: Disponível em: <http://www2.uol.com.br/simbolo/raca/1000/entrevista.htm>. Acesso em: 07 dez. 2016.

_____. (Org.). **Superando o Racismo na Escola**. Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Ensino Fundamental. 2000. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/racismo_escola.pdf. Acesso em: 09 jan. 2017.

OLIVA, Anderson Ribeiro. A História da África nos bancos escolares. Representações e imprecisões na literatura didática. **Estudos Afro-Asiáticos**. Ano 25, nº 3, 2003, p. 421-461.

OLIVEIRA, Marcelo Souza. A educação científica nas ciências humanas: experiências do Núcleo de Estudos em História e Memória (NEHM Jr.) do IF Baiano, Campus Catu- BA. **Revista Liberato**, v. 13, n. 19, p. 19-25, 2012.

_____. **A Imperial Vila de Santana do Catu**- histórias de uma comunidade escravista no Recôncavo baiano. Salvador: Quarteto, 2015.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista Estudos Históricos**, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. São Paulo. Cpdoc/FGV.

_____. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992.

PORLÁN, Rafael; MARTÍN, José. El diario del professor. In: OLIVEIRA, A. M.; GEREVINI, A. M.; STROHSCHOEN, A. A. G. Diário de bordo: uma ferramenta metodológica para o desenvolvimento da alfabetização científica. **Revista Tempos e Espaços em Educação**. v. 10, n. 22, p. 119-132, 2017.

PROENÇA, Maria Cândida. **Ensinar/Aprender História**. Lisboa: Horizonte, 1990.

ROITMAN, Isaac. **Educação Científica: Uma experiência vitoriosa na Bahia**. Artigo publicado em Nossa Ciência em 27 de outubro de 2015. Disponível em: <http://www.nossaciencia.com.br/educacao-cientifica-uma-experiencia-vitoriosa-na-bahia>. Acesso em: 03 ago. 2018.

RUDIO, F. V. **Introdução ao projeto de pesquisa científica**. Petrópolis: Vozes, 1986.

RÜSEN, Jörn. Didática da História: Passado, Presente e Perspectivas a partir do caso alemão. In: BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de R.; SCHMIDT, Maria A. (Orgs). **Jörn Rüsen e o ensino de História**. Curitiba: Editora UFPR, 2010, p. 23-40.

SANTANA, Jacimara Souza. Reflexões sobre a implementação da lei 10.639/03: educação das relações étnico-raciais nas áreas de Ciências Humanas. In: **Revista Sankofa**, Ano V, nº 09, julh/2012, p 28-41.

SANTOS, Esiel Pereira. **Conceito-Ação de Educação Científica e Ensino de Ciências no Contexto do Projeto A Rádio da Escola na Escola da Rádio no Colégio da Polícia Militar da Bahia – CPM Dendezeiros/Ba**. 2017. 188 f. Dissertação – Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEDUC) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus I. Salvador / BA, 2017.

SANTOS, Hélio. **A busca de um caminho para o Brasil: a trilha do círculo vicioso**. São Paulo: SENAC, 2003.

SCHWARTZ, Stuart B. **Segredos Internos: engenhos e escravos na sociedade colonial, 1550-1835**. Trad. Laura T. Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SASSERON, Lúcia Helena. **Alfabetización científica, enseñanza por investigación y argumentación: relaciones entre las ciencias de la naturaleza y la escuela**. Ens. Pesqui. Educ. Ciênc. (Belo Horizonte) [online]. 2015, vol.17, n.spe, pp.49-67. ISSN 1415-2150.

THIOLLENT, M. **Metodologia da Pesquisa-ação**. 14. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2005.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

APÊNDICE A - Estatuto



CLUBE DE HISTÓRIA

ESTATUTO

O presente documento visa estabelecer diretrizes para o bom funcionamento do Clube de História, caracterizando os participantes, atribuindo direitos e deveres, definindo as competências que serão desenvolvidas e organizando o processo de admissão, as escolhas dos temas e a sua divulgação.

CAPÍTULO I

Denominação, Sede, Objetivos e Duração

Art. 1º – O Clube de História: estudo da história e da cultura afro-brasileira por estudantes da educação básica, é um centro de interesse nas áreas das Ciências Humanas, surge com a intenção de propor aos discentes a formação de um grupo de estudos, que viabilize a investigação e a popularização dos elementos que compõem história e a cultura negra na cidade de Catu, sediado na Escola Estadual Maria Isabel de Melo Góes, localizada em Catu-Ba, fundado em 2016 e de duração ilimitada.

Parágrafo Único – As atividades do Clube reger-se-ão pelo presente Estatuto.

Art. 2º – O Clube tem por finalidades:

- a) Fortalecer a identidade cultural dos estudantes integrantes do Clube de História, a partir do estudo e da pesquisa das comunidades afrodescendentes das quais se originam;
- b) Possibilitar a execução da proposta da Lei 11.645/2008, em uma articulação com a educação científica e a formação cultural dos estudantes envolvidos;
- c) Desenvolver um Grupo de Estudos que possibilite o fortalecimento das temáticas, voltadas às questões raciais em uma perspectiva histórica, dentro do Colégio Maria Isabel de Melo Góes e nas comunidades que se situam em seu entorno;

- d) Programar oficinas, minicursos, palestras e outras atividades voltadas para a difusão dos saberes discutidos e/ou produzidos pelo Clube de História, no tocante às temáticas voltadas para a prática da Lei 11.645/2008;
- e) Montar um banco de dados virtual que possibilite outros professores e estudantes do município o acesso e o estudo das fontes históricas trabalhadas, contribuindo para a conservação e difusão do patrimônio cultural das comunidades tradicionais radicadas no município de Catu e disponibilizar, no mesmo site, os textos discutidos e trabalhados no Clube de História, com o intuito de que essa metodologia possa ser utilizada também em outras unidades escolares;
- f) Avaliar as habilidades e competências desenvolvidas pelos estudantes, no que diz respeito à aprendizagem dos conhecimentos históricos, a partir da metodologia do Clube de História.

Art. 3º – O Clube funcionará em uma das salas de aula da Escola Estadual Maria Isabel de Melo Góes.

Art. 4º – O horário de funcionamento será definido, anualmente, pelo coordenador em consenso com os estudantes membros do Clube.

CAPÍTULO II

Organização do Clube de História

Art. 5º – As atividades do Clube de História serão de carácter extracurricular, tendo por isso, um valor formativo na aprendizagem dos alunos.

Art. 6º – Todos os trabalhos serão desenvolvidos no âmbito das disciplinas do Departamento de Ciências Humanas, não sendo obrigatório que digam respeito aos conteúdos programáticos.

Art. 7º – As atividades poderão ser divididas em módulos com diferentes periodicidades, tendo como eixo principal a História da Cidade de Catu e das regiões circunvizinhas.

Art. 8º – A escolha dos temas de estudo será feita pelos diferentes elementos do Clube, de acordo com as sugestões apresentadas. Estas propostas de atividades deverão ser votadas pelos intervenientes e aprovadas pelo coordenador.

Art. 9º – Cada grupo de associados poderá ter atividades semanais, coordenadas pelos responsáveis, podendo oportunamente ser convidados outros professores.

Art. 10º – Os temas abordados serão trabalhados seguindo, preferencialmente, a metodologia de valorização dos conhecimentos prévios dos estudantes e das suas comunidades. As atividades poderão ser desenvolvidas em sala de aula e/ou em campo, tendo em conta as suas especificidades.

Art. 11º – Os alunos poderão realizar pesquisas em bibliotecas, na internet e em campo (eventualmente, haverá saídas dos alunos para locais de interesse).

Art. 13º – O Clube possuirá um dossiê de registo de atividades, cada participante terá um diário de bordo, pelo que, em cada sessão, deve ser feito um registo das atividades desenvolvidas, onde constará o sumário e a planificação da atividade.

CAPÍTULO III

Membros

Art. 14º – Para se ser membro do Clube é necessário manifestar vontade própria para nele se inscrever e participar nas atividades propostas.

Art. 15º – O Clube de História está aberto a qualquer aluno, professor ou funcionário do Colégio Estadual Maria Isabel de Melo Góes.

Art. 16º – Os professores participantes do Clube de História poderão pertencer a outras escolas da rede estadual, federal ou municipal que estejam instaladas no município de Catu.

Art. 17º – Os participantes/associados serão, exclusivamente, alunos do Colégio Estadual Maria Isabel de Melo Góes.

Art. 18º – A admissão dos alunos será feita da seguinte forma:

- a) Preenchimento obrigatório de uma ficha de inscrição;
- b) Preenchimento obrigatório da autorização de frequência do Clube, pelo diretor da Escola.

Art. 19º – As normas e/ou medidas disciplinares que regem a conduta dos alunos serão as mesmas aplicadas pela Escola.

Art. 20º – A participação dos alunos associados ao Clube, nas atividades previstas, poderá ser limitada tendo em conta as especificidades das mesmas. A seleção será feita tendo em conta a ordem de inscrição.

Art. 21º – Um aluno associado que queira ingressar em uma atividade do Clube depois do início da mesma, ficará sujeito a uma lista de espera. Caso existam vagas, e o aluno se

encaixe no perfil determinado pelos professores, este será convidado a participar na atividade.

Art. 22º – São direitos dos alunos associados:

- a) Participar nas atividades realizadas pelo Clube de História, dentro e fora do recinto escolar;
- b) Encaminhar observações, sugestões e solicitações à Coordenação do Clube;
- c) Utilização dos materiais, espaços e meios postos à disposição do Clube.

Art. 23º – São deveres dos alunos associados:

- a) Conhecer e cumprir as normas deste Estatuto;
- b) Participar no planejamento e execução das atividades do Clube;
- c) Manter em bom estado os espaços onde se desenvolvam atividades;
- d) Respeitar colegas e professores;
- e) Participar nas reuniões do Clube;
- f) Cumprir os prazos e metas estipulados pelo Clube;
- g) Empenhar-se no fortalecimento do Clube.

CAPÍTULO IV

Regime Disciplinar

Art. 24º – Constituem infrações disciplinares:

- a) Usar o Clube para fins diferentes dos seus objetivos;
- b) Não cumprir as disposições do Estatuto;
- c) Praticar atos que venham a ridicularizar o Clube, os seus membros ou a sua imagem;
- d) Atentar contra a guarda e utilização de bens do Clube;
- e) Não cumprir as suas funções dentro do Clube;
- f) Desobedecer às normas de segurança dentro e fora do recinto escolar.

Art. 25º – O infrator será convidado a abandonar o Clube.

CAPÍTULO V

Disposições Finais e Transitórias

Art. 26º – No início de cada ano letivo será previsto um Plano Anual de Atividades (participações em oficinas e feiras de ciências) que vigorará por um ano, mas que pode sofrer alterações por questões materiais, logísticas ou de disponibilidade dos seus intervenientes.

Art. 27º – Sempre que haja saídas de campo/visitas de estudo:

- a) Será comunicado e/ou pedido autorização dos responsáveis pelos estudantes;
- b) Quando o número de estudantes interessados em participar da atividade, ultrapassar o número de vagas serão critérios de seleção a assiduidade e a qualidade das participações nas atividades regulares promovidas pelo Clube.

Art. 28º – Os casos omissos no presente Estatuto serão deliberados pelo Coordenador do Clube.

Art. 29º – O presente Estatuto poderá sofrer alterações caso o Estabelecimento de Ensino assim o entenda ou caso seja necessário juntar/modificar alguma informação importante para o bom funcionamento do Clube.

MALACHIAS, Rosangela. Cabelo bom. Cabelo ruim. **Coleção percepções da diferença.** Negro e Brancos na escola, v. 1, 2007.

SANTOS, Joel Rufino dos Santos. **O que é racismo.** São Paulo: Brasiliense, 2005.

ANEXO A – Pôster apresentado na feira de ciências das escolas estaduais de Catu 2016



Beleza negra: valorização e identidade da cultura afro-brasileira, no espaço escolar.

Naile dos Santos Lima ¹, Valéria Chaves de Matos ², Delmaci Ribeiro de Jesus³
PALAVRAS-CHAVE: IDENTIDADE, ESTÉTICA, CULTURA

¹ Estudante do 9º ano do fundamental II no Colégio Estadual Maria Isabel de Melo Góes – Catu – BA
E-mail: nailelima01@gmail.com

² Estudante do 9º ano do fundamental II no Colégio Estadual Maria Isabel de Melo Góes – Catu – BA
E-mail: valeria_chaves@outlook.com.br

³ Orientador Delmaci Ribeiro de Jesus/Professor no Colégio Estadual Maria Isabel de Melo Góes – Catu – BA
E-mail: delmaciribeiro@hotmail.com

INTRODUÇÃO



O presente projeto teve início no Clube de História, um grupo de pesquisa que foi criado no Colégio Estadual A Antônio de Deus Seixas, no ano de 2015. No Clube nos debruçamos sobre o estudo e a popularização da cultura Afro-brasileira. Nesse contexto identificamos que na nossa Escola, o Colégio Estadual Maria Isabel de Melo Góes, existem relatos de preconceitos que estão relacionados a estética de estudantes que assumem uma postura de valorização da cultura afro-brasileira. Desse modo entendemos que mesmo após o término oficial da escravidão, a História da cultura afro-brasileira é intensamente marcada por discriminação, desvalorização e racismo. Em alguns momentos prevalece o mito da democracia racial e no cotidiano fica evidente que existe a imposição de valores que definem padrões estéticos de beleza. Nesse cenário identificamos que se faz necessário valorizar e propor a beleza negra, enquanto identidade da cultura afro-brasileira. A partir dessa pesquisa teremos a possibilidade de promovermos a valorização da beleza negra criando ações que tornem possível a inserção de projetos no espaço escolar, com o propósito de valorizar a identidade da cultura afro-brasileira, a partir da estética da beleza negra.

OBJETIVOS

- ✓ Identificar o posicionamento dos estudantes, no que diz respeito a existência ou não de um padrão de beleza a ser seguido;
- ✓ Analisar as razões pelas quais os estudantes, mesmo sofrendo discriminação, assumem uma estética que proporciona a valorização das suas origens culturais e da sua identidade;
- ✓ Propor no espaço escolar discussões permanentes que possibilitem [re] construir uma consciência histórica de constante valorização da cultura afro-brasileira.

METODOLOGIA

- ✓ Revisão bibliográfica, entender e discutir os conceitos relacionados a identidade, estética e cultura afro-brasileira;
- ✓ Mapear os casos de discriminação racial existentes no espaço escolar, tendo como parâmetro a discussão do padrão de beleza que a mídia apresenta como estereótipo a ser seguido;
- ✓ Aplicação de questionário na escola;
- ✓ Análise dos dados obtidos no questionário e as informações das entrevistas;
- ✓ Construção do relatório apresentando as considerações sobre o tema discutido no projeto;

RESULTADOS



- A ideia de usar o cabelo afro surgiu de você ou se inspirou em alguém?
- A beleza negra enquanto identidade/resistência/poder e cultura
- Reação das pessoas em relação a estética que você usa no seu cotidiano
- Preconceito associado a estética.
- Você identifica a existência de um padrão de beleza ou democracia em relação aos padrões estéticos?
- Relação estética e discussão racial.

CONCLUSÃO

Este projeto é o ponto de partida para debatermos a Lei 10639/03 no espaço escolar de forma ampla, partindo de um tema específico, que a existência da imposição de um padrão de beleza eurocêntrico, iremos realizar uma série de atividades envolvendo a comunidade escolar e o seu entorno, propondo a inserção de diversas temáticas que potencializem a valorização da identidade da cultura afro-brasileira. No decorrer da pesquisa tivemos acesso a depoimentos de estudantes que percebem a necessidade da ampliação do debate sobre as políticas públicas que possibilitem a inserção da cultura negra de forma efetiva nos diversos espaços sociais, mas o que mais chamou nossa atenção é o silenciamento que vem sendo imposto a cultura afro-brasileira, ignorando, desvalorizando a cultura e criando muros que evidenciam o mito da democracia racial no Brasil.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 10.639 - 09 de janeiro de 2003. Brasília: Ministério da Educação, 2003.

_____. Plano nacional das diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana. Brasília: SECAD; SEPPPIR, junho, 2009.

GOMES, Nilma Lino. Um olhar além das fronteiras: educação e relações raciais. Belo Horizonte: Autêntica, 2007

MALACHIAS, Rosângela. Cabelo bom. Cabelo ruim. Coleção percepções da diferença. Negro e Brancos na escola, v. 1, 2007.

SANTOS, Joel Rufino dos Santos. O que é racismo. São Paulo: Brasiliense, 2005.

Ciência
na Escola

iat
Instituto Anísio Teixeira

EDUCAR PARA
TRANSFORMAR
UM PACTO PELA EDUCAÇÃO

SECRETARIA DA
EDUCAÇÃO

BAHIA
GOVERNO DO ESTADO



A lei 10.639/03 no currículo das escolas da cidade de Catu.

Bianca Santos ¹, Laura Costa ², Delmaci Ribeiro de Jesus³
PALAVRAS-CHAVE: IDENTIDADE, EMPODERAMENTO, CULTURA

¹ Estudante do 9º ano do fundamental II no Colégio Estadual Maria Isabel de Melo Góes – Catu – BA
E-mail: nallelma01@gmail.com

² Estudante do 9º ano do fundamental II no Colégio Estadual Maria Isabel de Melo Góes – Catu – BA
E-mail: valeria_chaves@outlook.com.br

³ Orientador Delmaci Ribeiro de Jesus/Professor no Colégio Estadual Maria Isabel de Melo Góes – Catu – BA
E-mail: delmaciribeiro@hotmail.com

INTRODUÇÃO



Desde 2003 que a Lei 10.639/03, traz para o cenário escolar a necessidade e/ou obrigação de se discutir sobre a cultura afro-brasileira em seus diferentes aspectos. Passaram-se 13 anos desde que a Lei entrou em vigor, mas não reconhecemos no nosso município, a cidade de Catu, projetos pedagógicos e/ou políticas públicas que possibilitem o aprofundamento das discussões relacionadas a cultura afro-brasileira, no contexto das escolas da rede particular de ensino e da rede pública municipal e estadual. A partir dessa pesquisa teremos a possibilidade de investigar de que forma vem sendo apresentado no currículo escolar a Lei 10.639/03 e criar um projeto de intervenção que torne possível a inserção efetiva da lei em questão, no currículo das escolas, não se limitando a datas específicas e determinados momentos do ano letivo.

OBJETIVOS

- ✓ Sensibilizar a comunidade escolar para debates que possibilitem a formação de cidadãos mais críticos e atuantes nos movimentos sociais, tendo como ponto de partida a Lei 10.639/03;
- ✓ Analisar as razões pelas quais as escolas tem dificuldade e/ou resistência para implantar de forma mais efetiva a discussão sobre a cultura afro-brasileira;
- ✓ Propor no espaço escolar discussões permanentes que possibilitem [re] construir uma consciência histórica de constante valorização da cultura afro-brasileira.

METODOLOGIA

- ✓ Revisão bibliográfica, entender e discutir os conceitos relacionados a identidade e cultura afro-brasileira;
- ✓ Mapear as escolas da cidade das redes pública e particular;
- ✓ Entrevista com estudantes e coordenadores pedagógicos das escolas da rede pública e particular;
- ✓ Análise dos dados obtidos no questionário e as informações das entrevistas;
- ✓ Construção do relatório apresentando as considerações sobre o tema discutido no projeto;

RESULTADOS



- Não conhecem a Lei 10639/03
- Acontece nas escolas atividades relacionadas a cultura afro-brasileira.
- Não acontece nas suas escolas atividades relacionadas a cultura afro-brasileira.
- Não ouviram falar da Lei 10639/03.
- Já ouviram falar da Lei 10.639/03.
- Necessidade vista pelos estudantes de abordar no contexto escolar a discussão sobre a cultura afro-brasileira.

CONCLUSÃO

Este projeto fortaleceu a ideia de que não é necessário apenas existir uma lei, para que seja colocado em discussão um histórico de discriminação, preconceitos e violação de direitos da população afro-brasileira. Faz-se necessário discutir de forma ampla, a necessidade de que as escolas sejam espaços para problematizar o contexto histórico e social, no qual estamos inseridos. Nesse sentido, percebemos que as escolas da rede pública e as escolas da rede de ensino particular da cidade de Catu vem se limitando a pontuar de forma superficial, um conteúdo que não pode se restringir ao dia da consciência negra ou o dia 13 de Maio, pois a sua relevância precisa ser discutida em suas diferentes possibilidades, com a finalidade de termos uma sociedade onde as diferenças de crenças e de cor sejam vistas numa perspectiva de respeito e não numa hipócrita conjuntura de democracia racial.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Lei nº 10.639 - 09 de janeiro de 2003. Brasília: Ministério da Educação, 2003.
- _____. Plano nacional das diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana. Brasília: SECAD; SEPP/IR, junho, 2009.
- GOMES, Nilma Lino. Um olhar além das fronteiras: educação e relações raciais. Belo Horizonte: Autêntica, 2007
- SANTANA, Jacimara Souza. Reflexões sobre a implementação da lei 10.639/03: educação das relações étnico-raciais nas áreas de Ciências Humanas. In: Revista Sankofa, Ano V, nº 09, julh/2012, p 28-41.
- SANTOS, Joel Rufino dos Santos. O que é racismo. São Paulo: Brasiliense, 2005.



O Candomblé no Espaço Escolar, Preconceitos e Tabus.

Ana Beatriz Mendes Costa ¹, *Marcella Eduarda dos Santos*², *Delmaci Ribeiro de Jesus*³
PALAVRAS-CHAVE: ENSINO, POPULARIZAÇÃO DA CIÊNCIA, CULTURA

¹ Estudante do 9º ano do fundamental II no Colégio Estadual Maria Isabel de Melo Góes – Catu – BA
E-mail: dihsantos@gmail.com

² Estudante do 8º ano do fundamental II no Colégio Estadual Maria Isabel de Melo Góes – Catu – BA
E-mail: valeria_chaves@outlook.com.br

³ Orientador Delmaci Ribeiro de Jesus/Professor no Colégio Estadual Maria Isabel de Melo Góes – Catu – BA
E-mail: delmaciribeiro@hotmail.com

INTRODUÇÃO



Este projeto pretende romper com os tabus da mentalidade preconceituosa sobre religiões de matriz africana, especificamente o candomblé, presente no espaço escolar. Inicialmente, observando como essas práticas intolerantes influenciam no cotidiano escolar dos estudantes adeptos do candomblé, para que através de atividades lúdicas pedagógicas, como: teatro, feiras expositivas, panfletos e banners, possamos interferir de forma direta na desconstrução dessa mentalidade intolerante. Tendo como principal objetivo construir um espaço justo, igualitário, tolerante e respeitoso a diversidade religiosa, proporcionando assim, melhor qualidade de vida aos alunos adeptos do Candomblé.

OBJETIVOS

- ✓ Contribuir para melhor integração e respeito à diversidade religiosa no espaço escolar;
- ✓ Tentar identificar os elementos socioculturais que fortalecem até à nossa contemporaneidade a intolerância religiosa das religiões de matriz afro-brasileira especificamente o candomblé;
- ✓ Motivar a discussão sobre as políticas públicas de reconhecimento e valorização da cultura afro – brasileira;
- ✓ Propor no espaço escolar discussões permanentes que possibilitem [re] construir uma consciência histórica de constante valorização da cultura afro-brasileira.

CONCLUSÃO

Este projeto ainda encontra-se em fase de desenvolvimento. As pesquisas ainda são iniciais, porém, espera-se que com sua execução o espaço escolar possa torna-se mais respeitoso a diversidade religiosa, proporcionando melhor qualidade de vida para os estudantes e outros sujeitos sociais que fazem parte deste espaço.

METODOLOGIA

- ✓ Revisão bibliográfica, entender e discutir os conceitos relacionados a identidade, estética e cultura afro-brasileira;
- ✓ Elaboração do plano de pesquisa;
- ✓ Confeção de questionário para pesquisa de campo;
- ✓ Realizar trabalhos lúdicos, culturais específicos para a comunidade escolar principalmente os alunos, que através de folhetins, peça teatral, exposição de feira, poderão ampliar seus conhecimentos sobre as contribuições afro-brasileiras na formação da identidade nacional, principalmente as religiões de matriz africana o candomblé neste estudo.
- ✓ Análise dos dados obtidos no questionário e as informações das entrevistas;
- ✓ Construção do relatório apresentando as considerações sobre o tema discutido no projeto;

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 10.639 – 09 de janeiro de 2003. Brasília: Ministério da Educação, 2003.

_____. Plano nacional das diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana. Brasília: SECAD; SEPIIR, junho, 2009.

DEMO, P. *Educação Científica*. Senac. Rio de Janeiro, v.36, nº 1, Jan/Abr 2010. LIMA, Mônica. *A África na Sala de Aula*. Revista Nossa História, ano 1, nº4, fevereiro 2004. P.84-86.

OLIVEIRA, Marcelo Souza. *A Imperial Vila de Santana do Catu: histórias de uma comunidade escravagista no Recôncavo Baiano*. Salvador. Editora. Quarteto, 2015.

Ciência
na Escola

iat
Instituto Anísio Teixeira

EDUCAR PARA
TRANSFORMAR
UM PACTO PELA EDUCAÇÃO

SECRETARIA DA
EDUCAÇÃO

BAHIA
GOVERNO DO ESTADO



A Capoeira como uma metodologia de ensino e aprendizagem da cultura afro-brasileira.

Andreza Souza dos Santos ¹, Gilvânia Silva de Jesus ²,
PALAVRAS-CHAVE: ENSINO, CONHECIMENTO, CULTURA

¹ Estudante do 9º ano do fundamental II no Colégio Estadual Maria Isabel de Melo Góes – Catu – BA
E-mail: dihsantos@gmail.com

² Estudante do 9º ano do fundamental II no Colégio Estadual Maria Isabel de Melo Góes – Catu – BA
E-mail: valeria_chaves@outlook.com.br

³ Orientador Delmaci Ribeiro de Jesus/Professor no Colégio Estadual Maria Isabel de Melo Góes – Catu – BA
E-mail: delmaciribeiro@hotmail.com

INTRODUÇÃO



Mesmo após o término oficial da escravidão, a História da cultura afro-brasileira é intensamente marcada por discriminação, desvalorização e racismo. Trazer o debate da importância da capoeira, no espaço escolar, numa metodologia que possibilite a socialização e o desenvolvimento do estudante enquanto construtor do seu conhecimento é uma alternativa para que haja o reconhecimento e o fortalecimento da cultura afro-brasileira. A partir dessa pesquisa teremos a possibilidade de incentivar o debate sobre a população afro-brasileira, partindo do contexto escolar, no que diz respeito a metodologia do ensino de história, proporcionando a valorização da capoeira, enquanto manifestação da cultura afro-brasileira.

OBJETIVOS

- ✓ Entender como a capoeira pode ser inserida no contexto escolar;
- ✓ Motivar a discussão sobre as políticas públicas de reconhecimento e valorização da cultura afro-brasileira;
- ✓ Analisar como os grupos de capoeira contribuem não apenas na perspectiva da prática da atividade física, mas principalmente como forma de inserir no contexto escolar a materialização da lei 10639/03;
- ✓ Propor no espaço escolar discussões permanentes que possibilitem [re] construir uma consciência histórica de constante valorização da cultura afro-brasileira.

METODOLOGIA

- ✓ Revisão bibliográfica, entender e discutir os conceitos relacionados a identidade, estética e cultura afro-brasileira;
- ✓ Elaboração do plano de pesquisa;
- ✓ Confeção de questionário para pesquisa de campo, onde iremos entrevistar estudantes do ensino médio, mestres e praticantes de capoeira, com o objetivo de entender como eles percebem, no cotidiano, a cultura afro-brasileira, no que diz respeito ao seu reconhecimento e valorização;
- ✓ Análise dos dados obtidos no questionário e as informações das entrevistas;
- ✓ Construção do relatório apresentando as considerações sobre o tema discutido no projeto;

CONCLUSÃO

Esse projeto é o ponto de partida para debatermos a Lei 10639/03 no espaço escolar de forma ampla, partindo de um tema específico, que a Capoeira, enquanto metodologia de ensino e aprendizagem. Até o presente momento identificamos que a capoeira vem sendo abordada no espaço escolar como esporte ou atividade física. Não estabelecendo diálogo como um meio de resistência e valorização da cultura afro-brasileira.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 10.639 - 09 de janeiro de 2003. Brasília: Ministério da Educação, 2003.

_____. Plano nacional das diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana. Brasília: SECAD; SEPP/IR, junho, 2009.

DA CAPOEIRA, A. POESIA ORAL. O NEGRO AFRO-BRASILEIRO.

DE MELO, Sálvio Fernandes. CANTIGAS DE CAPOEIRA: UMA FONTE DE SABER E ENSINO DA HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA.

ANEXO B – Pôster apresentado na Feira de Ciências Empreendedorismo e Inovação da Bahia 2017



SECRETARIA DA EDUCAÇÃO





O CANDOMBLÉ NO ESPAÇO ESCOLAR: PRECONCEITOS E TABUS.

Ciências Humanas

6ª FEIRA DE CIÊNCIAS, EMPREENDEDORISMO E INOVAÇÃO DA BAHIA

Evelin Beatriz Pereira dos Santos¹, Francielle Assunção do Lago², Delmaci Ribeiro de Jesus³



PALAVRAS-CHAVE: ENSINO, POPULARIZAÇÃO DA CIÊNCIA, CULTURA

¹ Estudante do 1º ano do Ensino Médio no Colégio Estadual Maria Isabel de Melo Góes – Catu – BA

E-mail: dihsantos@gmail.com

² Estudante do 1º ano do Ensino Médio no Colégio Estadual Maria Isabel de Melo Góes – Catu – BA

E-mail: valeria_chaves@outlook.com.br

³ Orientador Delmaci Ribeiro de Jesus/Professor no Colégio Estadual Maria Isabel de Melo Góes – Catu – BA

E-mail: delmaciribeiro@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Este projeto pretende romper com os tabus da mentalidade preconceituosa sobre religiões de matriz africana, especificamente o candomblé, presente no espaço escolar. Inicialmente, observando como essas práticas intolerantes influenciam no cotidiano escolar dos estudantes adeptos do candomblé, para que através de atividades lúdicas pedagógicas, como: teatro, feiras expositivas, panfletos e banners, possamos interferir de forma direta na desconstrução dessa mentalidade intolerante. Tendo como principal objetivo construir um espaço justo, igualitário, tolerante e respeitoso a diversidade religiosa, proporcionando assim, melhor qualidade de vida aos alunos adeptos do Candomblé.

OBJETIVOS

- ✓ Contribuir para melhor integração e respeito à diversidade religiosa no espaço escolar;
- ✓ Tentar identificar os elementos socioculturais que fortalecem até à nossa contemporaneidade a intolerância religiosa das religiões de matriz afro-brasileira especificamente o candomblé;
- ✓ Motivar a discussão sobre as políticas públicas de reconhecimento e valorização da cultura afro – brasileira;
- ✓ Propor no espaço escolar discussões permanentes que possibilitem [re] construir uma consciência histórica de constante valorização da cultura afro-brasileira.



METODOLOGIA

- ✓ Revisão bibliográfica, entender e discutir os conceitos relacionados a identidade, estética e cultura afro-brasileira;
- ✓ Elaboração do plano de pesquisa;
- ✓ Confeção de questionário para pesquisa de campo;
- ✓ Realizar trabalhos lúdicos, culturais específicos para a comunidade escolar, principalmente os alunos, através de folhetins, peça teatral, exposição de feira
- ✓ Análise dos dados obtidos no questionário e as informações das entrevistas;
- ✓ Construção do relatório apresentando as considerações sobre o tema discutido no projeto;

CONCLUSÃO

Este projeto ainda encontra-se em fase de desenvolvimento. As pesquisas ainda são iniciais, porém, espera-se que com sua execução o espaço escolar possa torna-se mais respeitoso a diversidade religiosa, proporcionando melhor qualidade de vida para os estudantes e outros sujeitos sociais que fazem parte deste espaço.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 10.639 – 09 de janeiro de 2003. Brasília: Ministério da Educação, 2003.

_____. Plano nacional das diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana. Brasília: SECAD; SEPPPIR, junho, 2009.

CAPUTO, Stela Guedes. Educação nos terreiros e como a escola se relaciona com crianças de candomblé, Rio de Janeiro: Pallas, 2012.



ANEXO C – Pôster apresentado na Feira de Ciências Empreendedorismo e Inovação da Bahia 2018



PALAVRAS-CHAVE: ENSINO, POPULARIZAÇÃO DA CIÊNCIA, CULTURA

¹ Estudante do 2º ano do Ensino Médio no Colégio Estadual Maria Isabel de Melo Góes – Catu – BA
E-mail: eduardasilva.br36@gmail.com

² Estudante do 2º ano do Ensino Médio no Colégio Estadual Maria Isabel de Melo Góes – Catu – BA
E-mail: megoshjrs@gmail.com

³ Orientador Delmaci Ribeiro de Jesus/Professor no Colégio Estadual Maria Isabel de Melo Góes – Catu – BA
E-mail: delmaciribeiro@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Ainda hoje existe no Brasil o mito da democracia racial, desse modo pensamos como a inserção das obras de arte do artista catuense ED Ribeiro, como um método de ensino e aprendizagem nas escolas, pode colaborar significativamente para romper com um espaço preconceituoso sobre a cultura afro-brasileira, presente no espaço escolar. Inicialmente observando como as práticas intolerantes influenciam no cotidiano dos estudantes, para que através de atividades lúdicas pedagógicas como: teatro, feiras expositivas, possamos interferir de forma direta na desconstrução de mentalidades preconceituosas. Tendo como principal objetivo construir um espaço de diversidades culturais, tolerante, e fortalecendo ainda mais a valorização da cultura afro-brasileira.



OBJETIVOS

- ✓ Contribuir para melhor integração e respeito à diversidade religiosa no espaço escolar;
- ✓ Tentar identificar os elementos socioculturais que fortalecem até à nossa contemporaneidade a intolerância religiosa das religiões de matriz afro-brasileira especificamente o candomblé;
- ✓ Motivar a discussão sobre as políticas públicas de reconhecimento e valorização da cultura afro – brasileira;
- ✓ Propor no espaço escolar discussões permanentes que possibilitem [re] construir uma consciência histórica de constante valorização da cultura afro-brasileira.

CONCLUSÃO

Após a proposição do projeto foi possível inserir no colégio Estadual Maria Isabel, a proposta interdisciplinar: Cultura Afro-brasileira no espaço escolar: construindo valores e descolonizando saberes. Além disso estamos desenvolvendo oficinas nas escolas públicas do município de Catu, com a proposta de valorização a cultura afro-brasileira.

METODOLOGIA

- ✓ Revisão bibliográfica, entender e discutir os conceitos relacionados a identidade, estética e cultura afro-brasileira;
- ✓ Elaboração do plano de pesquisa;
- ✓ Realizar roda de conversa com os estudantes do Colégio Estadual Maria Isabel de Melo Góes;
- ✓ Oficina com estudantes do Colégio Municipal Helena Araújo, na cidade de Catu;
- ✓ Registro e análise das informações das rodas de conversa;
- ✓ Promover palestra e exposição com o artista Ed Ribeiro no espaço escolar

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 10.639 – 09 de janeiro de 2003**. Brasília: Ministério da Educação, 2003.
CAPUTO, Stela Guedes. **Educação nos terreiros e como a escola se relaciona com crianças de candomblé**, Rio de Janeiro: Pallas, 2012.
LIMA, Mônica. **A África na Sala de Aula**. Revista Nossa História, ano 1, nº4, fevereiro 2004. P.84-86.
GITEL. Murilo. **ED RIBEIRO, O “ARTISTA DOS ORIXÁS”** Disponível em: <<http://bahianalupa.com.br/perfil-de-ed-ribeiro-o-artista-dos-orixas/>>. Acesso em: 30 de nov. 2017.

